unespciência
julho de 2015 • ano 6 • número 65

Nanoarte

O LADO OCULTO DA NATUREZA

- DICAS DE CINEMA QUE AMPLIAM REPERTÓRIO
- O PROMÍSCUO MUNDO DA CORRUPÇÃO
- DIÁSPORA AFRICANA NAS ARTES CÊNICAS



© Reprodução do livro Nanoarte – A arte de fazer arte/2015. Em Construção (*Óxido de Índio*)

Casamento e moral



Bertrand Russell

Este livro, cuja a influência para as décadas posteriores o transformou em clássico, aborda as noções de moralidade em relação ao sexo e ao casamento. Através de análise intercultural, o autor questiona os códigos que nos levam a ter determinadas atitudes - individuais, familiares e sociais - em relação ao sexo e ao casamento. Russell defende uma nova moralidade, influenciado principalmente por importantes mudanças sociais da época, como o uso generalizado de contraceptivos e a emancipação feminina.

R$ 42,00
14x21
248 páginas

editora unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

Governador
Geraldo Alckmin
Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação
Márcio França

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Reitor
Julio Cezar Durigan
Vice-reitora
Marilza Vieira Cunha Rudge
Pró-reitor de Administração
Carlos Antonio Gamero
Pró-reitor de Pós-Graduação
Eduardo Kokubun
Pró-reitor de Graduação
Laurence Duarte Colvara
Pró-reitora de Extensão Universitária
Mariângela Spotti Lopes Fujita
Pró-reitora de Pesquisa
Maria José Soares Mendes Giannini
Secretária-geral
Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete
Roberval Daiton Vieira
Assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa
Oscar D'Ambrosio

editora unesp
fundação
Presidente do Conselho Curador
Mário Sérgio Vasconcelos
Diretor-presidente
Jézio Hernani Bomfim Gutierre
Superintendente administrativo e financeiro
William de Souza Agostinho

unespciência
Diretor de redação Oscar D'Ambrosio
Arte Hankô Design (Ricardo Miura)
Assistente de arte Andréa Cardoso
Colaboradores Jessica Miwa, Luciana Maria Cavichioli, Paulo Velloso, Soraia Marino (reportagem); Alvaro Martim Guedes, Bruna Bacalgini, Carlos Daghlian, Eliana Marques Zanata, Jair Pinheiro, João Eduardo Hidalgo, Ney Lemke, Maria Claudia Brito, Renato Xavier, Rita de Cássia Biason (artigo); Cortesia do Aukram Burton – RamImages.com, Chello Fotógrafo, Daniel Patire, Jayana Oliveira (foto)
Revisão Maria Luiza Simões
Projeto gráfico Hankô Design (Ricardo Miura)
Produção Mara Regina Marcato
Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva
Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio
Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.
www.unespciencia.com.br;
revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica
Tiragem 6 mil exemplares
É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

As dimensões do tempo

Os gregos usavam pelo menos três palavras para designar 'tempo'. Aion indicava o tempo de longuíssimo prazo; kairós, um tempo determinado; e kronos, aquele medido pelo relógio. Esta edição da revista **unespciência** analogamente reflete sobre o tempo.

Homenageia uma data específica, o Dia do Ceramista, e os 80 anos do regente Samuel Kerr. Também reflete, com dois artigos, sobre um tema atemporal, a corrupção na sociedade como um todo, e, com mais dois, sobre seus males especificamente no futebol.

Em seguida, é o tempo de pensar o afro contemporâneo nas artes cênicas, as pesquisas do Centro de Pesquisa e Análise de São Paulo – SPRACE e a importância da nanoarte como expressão visual.

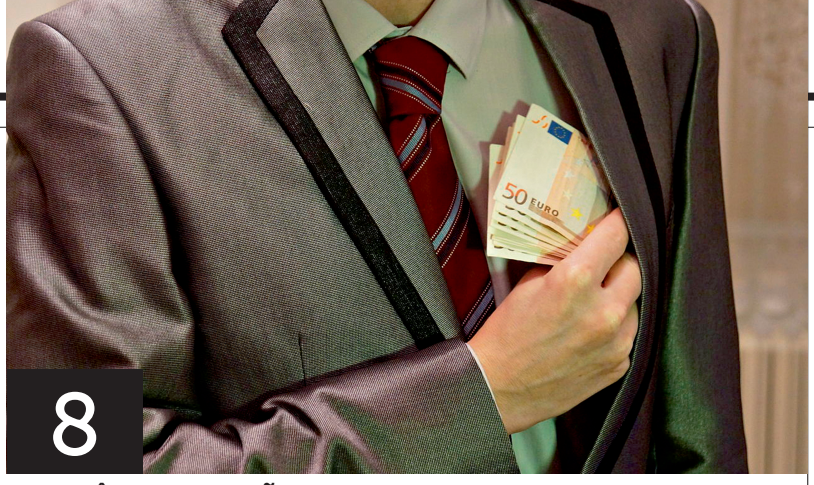
Autismo, educação inclusiva, genocídio armênio e indicações de filmes e documentários trazem um tempo de conscientização para aumentar o repertório de cada um de nós.

Para terminar, a discussão da função do bibliotecário, da libertinagem no Brasil colonial, do gênero nas ciências sociais, do diálogo entre a musicologia e a interpretação, e da importância do cientista John Forbes Nash, recentemente falecido, ofertam um tempo de pensar mais e melhor sobre o que somos, sentimos e queremos.

Aion, kairós ou kronos. Esse tripé, assim como a excelência no ensino, na pesquisa e na extensão que caracteriza as universidades públicas paulistas, não pode ser visto como uma amarra para o pensar, mas como um despertar para a liberdade do raciocínio. Se esta edição da revista gerar novas ideias em nossos leitores, já estamos muito satisfeitos – e cada vez mais motivados!



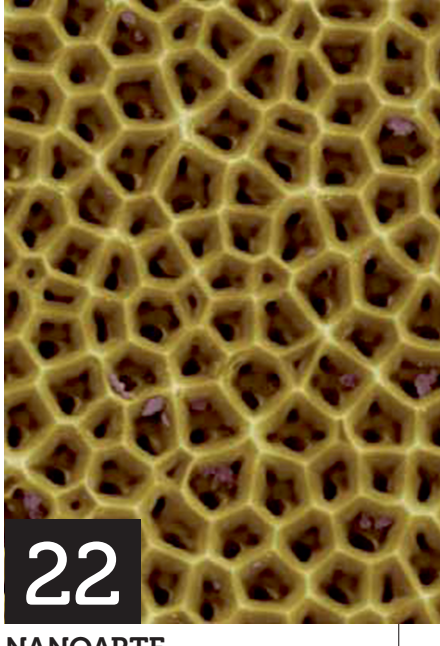
6 **HOMENAGEM**
Fogueira milenar
PAULO VELLOSO



8 **DOSSIÊ CORRUPÇÃO**
A corrupção como arma política
JAIR PINHEIRO
O controle da corrupção
RITA DE CÁSSIA BIASON
Corrupção aqui e acolá
ALVARO MARTIM GUEDES E RITA BIASON
Do escândalo da FIFA à política do futebol
RENATO XAVIER



20 **PESQUISA**
Centro de Pesquisa e Análise de São Paulo – SPRACE

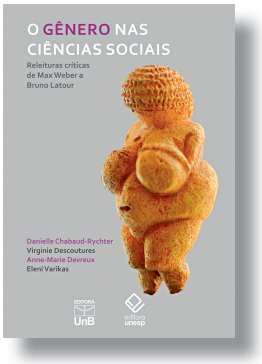


22 **NANOARTE**
O lado oculto da natureza
OSCAR D'AMBROSIO



36 **MEMÓRIA**
Um genocídio quase esquecido
CARLOS DAGHLIAN

45 **LEITURA**
Livro discute gênero nas ciências sociais
DANIELLE CHABAUD-RYCHTER
VIRGINIE DESCOUTURES
ANNE-MARIE DEVREUX
ELENI VARIKAS



EDUCAÇÃO
Libras por uma Educação Inclusiva
JESSICA MIWA
SORAIA MARINO



34



30

INCLUSÃO
Desafios educacionais
MARIA CLAUDIA BRITO
Comprometimento da capacidade de interação não deve ser impedimento
ELIANA MARQUES ZANATA



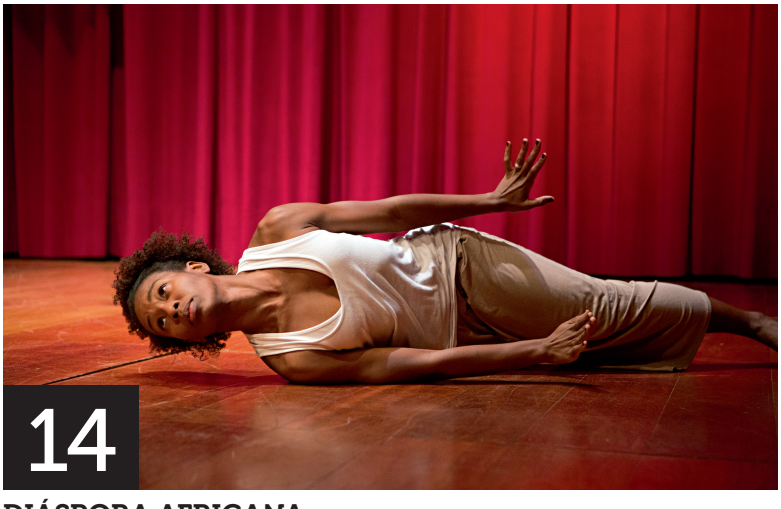
38

CINEMA
Uma lista que não é a de Schindler
JOÃO EDUARDO HIDALGO



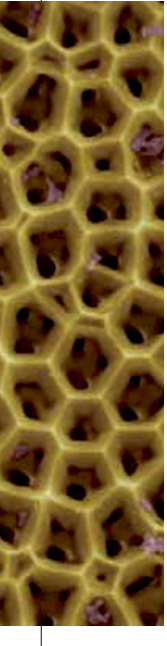
48

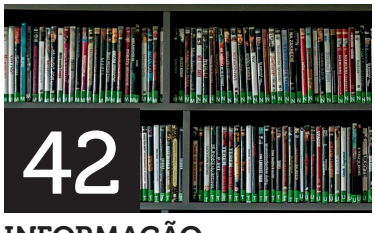
FOTO DO MÊS
80 anos do maestro Samuel Kerr
CHELLO FOTÓGRAFO



14

DIÁSPORA AFRICANA
O Afro Contemporâneo nas Artes Cênicas
LUCIANA MARIA CAVICHIOLI





42

INFORMAÇÃO
Onde está o bibliotecário?
BRUNA BACALGINI



50

OPINIÃO
John Forbes Nash (1923/2015)
NEY LEMKE

HISTÓRIA
Da libertinagem no Brasil colonial



44



46

ARTE
Diálogo entre musicologia e interpretação
OSCAR D'AMBROSIO

DIA DO CERAMISTA



Fogueira milenar

ATIVIDADE É DO GRUPO DE PESQUISA PANORAMA DA CERÂMICA LATINO-AMERICANA

Texto de Paulo Velloso
Fotos por Jayana Oliveira

O Dia do Ceramista na América Latina, 28 de maio, foi celebrado em grande estilo pelo Instituto de Artes (IA) da Unesp, em São Paulo. Em dois fornos rudimentares, construídos no estacionamento do Câmpus, foram queimadas perto de 200 peças trazidas por alunos do bacharelado, mestrado e doutorado que responderam ao chamado feito por Lalada Dalglish, pesquisadora do IA e coordenadora do grupo Panorama da Cerâmica Latino-Americana: tradicional e contemporânea. A data foi lembrada com um ritual chamado "queima primitiva", que repete procedimentos orientais milenares. "Ao queimarem restos de embarcações naufragadas, japoneses e chineses notaram colorações diferentes nas chamas", explica Lalada. "Esse efeito, eles foram percebendo, era provocado pelo sal entranhado nos cascos dos navios." Com o tempo, o método passou a ser explorado como recurso decorativo.

No evento, intitulado "Queima primitiva com Sal", o fogo foi produzido por uma mistura "ecológica" de grama seca, serragem e galhos de podas, numa temperatura sempre inferior a 500 graus, para não vitrificar a argila. E às labaredas foram acrescentados carbonato de cobre, um óxido que reage com o sódio, e sal. "O resultado foram peças de cerâmica em tons pastel, róseos, com arabescos negros, lindíssimos e impossíveis de se conseguir com outra técnica", afirma Lalada.

O evento foi coordenado pelas doutorandas do IA Lorena D'Arc, Elaine dos Santos e Flávia Leme e idealizado pelo Grupo de Pesquisa Panorama da Cerâmica Latino-Americana: tradicional e contemporânea (Unesp/CNPq). Coordenado pela professora Lalada, criado no Instituto de Artes da Unesp, o Grupo conta com participação da Universidade de Lisboa/Portugal, Universidade Federal de São João del Rei/UFSJ/MG, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais. UC

Link do Grupo no CNPq
http://goo.gl/UZIYGp









OBJETIVO DO GRUPO
Consiste no mapeamento e investigação das principais comunidades produtoras de cerâmica popular e indígena atuantes na América Latina e seus reflexos na arte-cerâmica contemporânea. O documento resultante deve constituir um instrumento de preservação da memória cerâmica, técnicas e saberes milenares que, passados de geração a geração, continuam contando histórias e registrando as mudanças estéticas e simbólicas ocorridas em comunidades artísticas/artesãs. Pretende-se fundamentar e sistematizar as pesquisas históricas e respectivas análises teórico/práticas por meio da coleta de dados sobre a artista ceramista, suas técnicas de construção das peças e queima da cerâmica, sobre a vida do artista, e os rituais e crenças associados ao fazer cerâmico



© Kiwiev/Wikimedia

Entre o privado e o público

ARTIGOS DISCUTEM CORRUPÇÃO COMO ARMA POLÍTICA NO BRASIL E NA FIFA

A CORRUPÇÃO COMO ARMA POLÍTICA

JAIR PINHEIRO

É conhecida a relação promíscua entre o público e o privado no Brasil, desde o descobrimento. A história da República tem sido a história da corrupção, mudando apenas os envolvidos e os métodos em cada momento histórico. Basta uma consulta aos arquivos da imprensa para constatar que nenhum governo passado ou presente, em qualquer dos três níveis do Estado, escapa aos escândalos; embora alguns desses governos tenham sido melhor sucedidos que outros na arte de evitar investigação. Desse modo, o mais correto no Brasil é dizer que governo corrupto é governo investigado, os demais não o são tão-só porque não foram investigados, ao preço de mais corrupção, é claro.

Entretanto, desde 2010, para não voltar mais no tempo, a pauta única da imprensa é a corrupção no governo federal, onde de fato há corrupção, o que tem levado, a golpes de manchetes diárias e reiteradas, à percepção enganosa de que nunca teria havido tanta corrupção no país. Enquanto isso, os governos anteriores, assim como os dos níveis subnacionais, têm sido poupados da sanha anticorrupção que assola o país.

Enfim, não resta dúvida de que estamos diante do esdrúxulo fenômeno moral da indignação seletiva, segundo o qual as faltas de quem pertence a outro grupo (o deles, o do mal) merecem punição exemplar, àqueles que pertencem ao grupo do bem (por oposição ao deles, sempre assim, de forma imprecisa) é preciso compreender as dificuldades circunstanciais e as boas intenções por trás de faltas "involuntárias".

Evidentemente, um tal quadro ideológico não surge espontaneamente, mesmo porque, se a opinião pública pode ser captada por pesquisas cientificamente orientadas, também a formação da opinião pública pode ser cientificamente detectada. O portal Manchetômetro (http://www.manchetometro.com.br/analises/escandalos/) oferece ao leitor uma massa de dados da imprensa sobre corrupção que evidencia a predominância de uma abordagem impossível de ser alcançada, se não por uma ação concertada.

Trata-se de um concerto político que reuniu as grandes corporações de comunicação e, por força de atração, veículos locais de imprensa, os partidos de oposição, alguns neófitos em termos de oposição (PSB, PSC, entre outros), setores do Estado e empresariais, etc. Qual o móvel desse concerto?

A resposta para essa pergunta não guarda nenhum mistério. Nas eleições de 2010, apesar da oposição de alguns dos setores mencionados no parágrafo anterior, dado o alto índice de popularidade com que Lula deixava o go-

Jair Pinheiro é professor de Ciência Política da Unesp de Marília.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 12 de março de 2015.

verno, seu candidato era praticamente imbatível; entretanto, a conjuntura mudou com o impacto tardio da crise internacional, Dilma não tem o carisma nem o capital político de Lula. Ainda assim, a oposição tinha dificuldade de superá-la.

A GRANDE CORRUPÇÃO NÃO SE EXTINGUE, MAS DEPENDE ENORMEMENTE DOS MECANISMOS DE CONTROLE QUE TEMOS SOBRE AS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS, BANCOS PÚBLICOS E ESTATAIS

A partir dessa percepção, o concerto em torno da bandeira da corrupção como arma de combate ao governo foi se consolidando, tendo por ponto de partida as redações da grande imprensa escrita e eletrônica, que atraiu para sua órbita os partidos oposicionistas, que se mostravam inapetentes para o exercício oposicionista. Desse ponto de vista, o tema da corrupção tem a vantagem de obscurecer as diferenças no campo oposicionista e no governista, reduzindo a política entre o bem e o mal. O efeito é deixar de discutir as grandes questões nacionais porque, aparentemente, tudo se resolve mandando os corruptos (os deles, claro) para a cadeia. O próximo escândalo suplantará os anteriores porque, como os atuais, também será apresentado como o maior da história.

O CONTROLE DA CORRUPÇÃO

RITA DE CÁSSIA BIASON

Nas últimas décadas o noticiário brasileiro tem trazido à tona inúmeras denúncias de corrupção e apesar dos inúmeros dispositivos normativos introduzidos, em termos práticos a avaliação dos cidadãos é que estamos falhando. Sob certo aspecto a percepção não está equivocada. Uma primeira consideração que temos que ter em mente é que a grande corrupção não se extingue, mas depende enormemente dos mecanismos de controle que temos sobre as instituições políticas, bancos públicos e estatais.

Tomando como exemplo o caso da Petrobras, fica evidente que o processo licitatório da estatal é precário e sofre uma interferência política descomunal. Os pagamentos corruptos para ganhar grandes contratos e concessões desnudaram o envolvimento de funcionários do alto escalão. Tais funcionários distorceram a lógica do setor público para gerar grandes rendimentos para si próprios e para os seus partidos, produzindo contratos ineficientes ao governo. O governo, por sua vez, produziu projetos errados e gastou mais do que era necessário. As empresas envolvidas acabaram detendo um poder monopolista através do suborno e do favoritismo. Em suma, um ciclo vicioso de corruptores e corruptos.

Disso resulta uma pergunta: como romper este ciclo? Por meio da redução de incentivos às práticas corruptas nas aquisições de bens e serviços por parte do Estado, tais como: evitar as alterações contratuais que destinam mais recursos para uma obra em andamento, que usualmente são indicadoras de práticas ilícitas; uniformidade das regras e de boas práticas para todas as regiões administrativas e setores públicos, de forma a garantir a eficiência e a transparência nos processos licitatórios; desenvolver mecanismos para incentivar a boa execução de contratos de licitação; priorizar os contratados bem avaliados durante a execução dos contratos; criar incentivos funcionais para bons gestores públicos, como: promoção e gratificação salarial; e a elaboração de um catálogo de material com especificação de produtos, de forma a evitar desvios na etapa de compras e aquisição de bens.

Considerando-se que a grande corrupção remete a uma relação entre o Estado e o setor privado e que os agentes públicos são seus intervenientes principais, a adoção desses dispositivos poderá alterar significativamente o comportamento dos funcionários públicos nos processos licitatórios, desencorajando-os ao alargamento de práticas corruptas em outras áreas do setor público. UC

Rita de Cássia Biason é professora de Instituições Políticas Brasileiras na Unesp/Câmpus de Franca e coordena, na mesma instituição, o Centro de Estudos e Pesquisas sobre Corrupção (www.cepcorrupcao.com.br).

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 11 de março de 2015.



© Sede da FIFA, em Zurique, Suíça/MCaviglia/Wikipedia

CORRUPÇÃO AQUI E ACOLÁ

ALVARO MARTIM GUEDES E RITA BIASON

Nos últimos dias a imprensa divulgou um grande escândalo de corrupção no futebol, envolvendo a FIFA, há muito esperado. Tanto o espectador quanto diversas entidades sabiam ou suspeitavam das inúmeras irregularidades que vieram à tona. No caso das entidades uma merece destaque, o Financial Action Task Force (FATF), que em 2009 publicou o relatório Money Laundering Through the Football Sector. A entidade em questão, fundada em 1987 por iniciativa do G7 para dedicar-se ao combate de lavagem de dinheiro, expõe ao longo do relatório as práticas de corrupção, lavagem de dinheiro, fraude, conspiração e extorsão no futebol.

A abordagem da corrupção exige antes de tudo uma definição clara. Todos nós pensamos que se trata de algo de quem se utiliza do cargo para tirar vantagens pessoais. Onde há poder é onde alguém pode mandar nos outros. Assim, sempre haverá a tendência natural de alguém subjugar o outro indevidamente, pois é o exercício do poder que nos organiza enquanto sociedade. A corrupção hoje sob investigação na FIFA cabe dentro desse enredo. Essa fácil equação tem um erro: o de que a corrupção é inevitável.

Ao contrário, é possível controlar a corrupção. Basta começar a entendê-la sob outro aspecto. O uso indevido dos recursos se revela por elementos acima do esperado. Quanto mais corrupção houver, maior será o tempo, valores mobilizados, pessoas envolvidas, ou seja, sempre haverá um indicador quantitativo acima do esperado. A longevidade de um dirigente à frente de uma federação internacional que movimenta bilhões de euros, dólares, reais, yens ou qualquer moeda utilizada em algum país é naturalmente algo de se estranhar. Não existe tanta eficiência assim que justifique alguma

A LONGEVIDADE DE UM DIRIGENTE À FRENTE DE UMA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL QUE MOVIMENTA BILHÕES DE EUROS, DÓLARES, REAIS, YENS OU QUALQUER MOEDA UTILIZADA EM ALGUM PAÍS É NATURALMENTE ALGO DE SE ESTRANHAR.

Alvaro Martim Guedes é especialista em Administração Pública e professor da Unesp em Araraquara.



© Ricardo Stuckert/ABr – Agência Brasil

coisa dessas que não seja o conluio de interesses que teimam em se manter exatamente no mesmo lugar. O que a história nos mostra dos ditadores? Que eles lá estavam somente para tirar vantagens pessoais. Não existe um caso sequer nos fatos vividos pela humanidade que justifique alguma santidade ou beatitude daqueles que permaneceram por longo tempo à frente de instituições.

O melhor remédio para controlar a corrupção no futebol são a rotatividade democrática e a transparência! Mas como otimizar esses dois princípios? A revisão da estrutura organizacional seria um primeiro passo, com limitação do mandato do comitê executivo para dois anos e ampliação da transparência nas eleições e nas finanças. Outros mecanismos poderiam ser adotados como, por exemplo, o monitoramento das áreas de risco tais como: contratos de TV; venda e distribuição de tickets; suporte financeiro para as confederações, etc.

O que se deve ter em mente é que o futebol é um esporte mundialmente apreciado e talvez possamos nos valer dele para promover uma campanha de integridade aqui e acolá. O esporte pode e deve ser um agente propagador da ética e de boas práticas de governança. Que a nossa Confederação Brasileira de Futebol comece a dar o exemplo!!

Rita Biason é cientista política, professora na Unesp/Câmpus de Franca e coordena, na mesma instituição, o Centro de Estudos e Pesquisas sobre Corrupção (www.cepcorrupcao.com.br).

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 1 de junho de 2015

DO ESCÂNDALO DA FIFA À POLÍTICA DO FUTEBOL

RENATO XAVIER

Para entender os recentes acontecimentos na maior instância do futebol mundial, a FIFA, é preciso não dissociar o futebol da política. No intrincado cenário global, o esporte é meio para alguns fins, entre eles, a inserção internacional.

Desde que se deflagrou a operação do FBI em território suíço, resultando na prisão de seis dirigentes da FIFA, muito se tem especulado sobre os reais objetivos da investida internacional do Departamento de Justiça norte-americano: desde a disputa geopolítica entre Estados Unidos e Rússia até a suposta vendeta pela perda da sede da Copa de 2022 para o Catar.

Para além das motivações da operação, é preciso voltar no tempo para refazer a trajetória da FIFA nos últimos anos e a sua relação com o mundo real, isto é, com a política e todas as questões subjacentes a ela. Aproximar o mundo futebol do mundo real implica em clarificar os processos aos quais os países se submetem ao pleitear sediar uma Copa do Mundo e, igualmente, em qual contexto socioeconômico isso se dá.

Após 16 anos de consecutivas Copas realizadas em países desenvolvidos (de 1990 a 2006), a África do Sul foi escolhida pela FIFA para sediar a Copa de 2010. Com isso, Blatter apresentava ao mundo "uma nova fórmula": o rodízio continental de sedes. Em outras palavras, levar o esporte para novos mercados. A África do Sul foi o primeiro passo deste processo, a Federação Internacional trouxe o evento para o Brasil e agora os próximos destinos são a Rússia e o Catar.

Mesmo diante de uma forte crise internacional, a FIFA encontrou nesses países um amplo mercado para o investimento de seus patrocinadores, cuja contrapartida previa retornos: novos estádios; reformas estruturais; investimentos externos; Parceria Público-Privada; incremento no turismo etc. A disposição para enfrentar a cartilha da FIFA – que se assemelha a outras cartilhas impostas por instituições financeiras – não poderia encontrar cenário mais propício do que nos países do "Sul Global". As credenciais estavam dadas: países em forte ascensão econômica e com dinheiro suficiente para bancar os custos de um dos mais caros eventos internacionais. A via mais fácil para a criação de leis e o aprofundamento da politização do futebol.



© Cerimônia de encerramento da Copa do Mundo FIFA de 2014/ABr – Agência Brasil

PARA ENTENDER OS RECENTES ACONTECIMENTOS NA MAIOR INSTÂNCIA DO FUTEBOL MUNDIAL, A FIFA, É PRECISO NÃO DISSOCIAR O FUTEBOL DA POLÍTICA

Além disso, o custo sociopolítico de sediar uma Copa do Mundo seria compensado pelas contrapartidas e, principalmente, pela inserção internacional dos países emergentes por vias paralelas à política de poder, ou seja, pelo futebol.

A deflagração da operação importa à medida que coloca no centro do debate o modelo antidemocrático da FIFA gerir o esporte e, especialmente, a forma pela qual a política se apropria do futebol e transforma o esporte em lugar seguro para a política de poder. A relação umbilical entre Estado e Capital parece refletir a política doméstica das democracias ocidentais, agora com uma novidade: o futebol. UC

Renato Xavier é pesquisador do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP).

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 11 de junho de 2015.

LUCIANA MARIA CAVICHIOLI



© Cortesia do Aukram Burton, RamImages.com



O Afro Contemporâneo nas Artes Cênicas

COLÓQUIO INTERNACIONAL REÚNE PESQUISADORES DA CULTURA AFRO

Tendo como foco os fazeres e saberes vinculados à diáspora africana, o Instituto de Artes (IA) da Unesp, em São Paulo, realizou de 31 de março a 2 de abril o Colóquio Internacional: O Afro Contemporâneo nas Artes Cênicas – Perspectivas Teóricas, Poéticas e Pedagógicas, sob organização do Grupo de pesquisa Terreiro de Investigações Cênicas: Teatro, Brincadeiras, Rituais e Vadiagens, coordenado pela professora Marianna Monteiro.

"O evento foi um grande painel do que se tem realizado academicamente em diálogo com a cultura da diáspora negra no Brasil e internacionalmente", explica o estudante de doutorado do IA-Unesp Fernando Ferraz, que faz parte do Grupo Terreiro desde sua concepção. "O colóquio possibilitou uma interpenetração entre teoria e prática, retomando conceitos, apontando afetos, compartilhando impressões, compartilhando conhecimentos e fortalecendo

LUCIANA MARIA CAVICHIOLI



© Imagens Cortesia do Aukram Burton. RamImages.com

a experiência como um todo", diz.

O evento contou com a participação de pesquisadores de universidades europeias, americanas e de diversos estados do Brasil. "O que se revelou foi a existência de uma demanda represada, tem muita gente pesquisando temáticas brasileiras e africanas e que não é contemplada por congressos ou colóquios", conta Mariana, também idealizadora do colóquio. "A grande surpresa foi essa: quando abrimos a porta, estava todo mundo na espera", completa.

A programação do Colóquio Internacional O Afro Contemporâneo nas Artes Cênicas contou com mesas, oficinas, vivências, palestras e grupos de trabalho (GTs). Durante a organização do evento primeiramente foram selecionados os palestrantes, oficineiros e conferencistas, depois foram abertas as inscrições para proposta de GTs. "Os temas propostos nos GTs foram uma surpresa, sabíamos que receberíamos propostas sobre dança, teatro, pedagogia, porque esse era o desenho do colóquio, mas surgiram outros campos e intersecções inesperados", conta Monteiro.

A programação contou com mesas, oficinas, vivências, palestras e grupos de trabalho

Inicialmente seria feita uma seleção das propostas de grupos de trabalho, mas a comissão organizadora do colóquio decidiu aprovar todas as inscrições. A seleção dos comunicadores em cada grupo foi feita posteriormente pelo pesquisador propositor do GT. "Achamos que deveríamos aceitar todas as propostas de GTs, esse primeiro colóquio foi uma vitrine, qualquer proposta representaria uma tribo, um grupo, uma identidade que merecia ser representada e bem-vinda" explica Monteiro.

OS GRUPOS DE TRABALHO

Os oito grupos de trabalho que compuseram o colóquio foram: 1 Mito imagem e cena: experiências e reflexões afro contemporâneas; 2 O corpo na capoeira; 3 A experiência negra no teatro brasileiro; 4 Pedagogia e africanidades; 5 Dança e diáspora negra; 6 Literariedades sônicas e performáticas de culturas em diáspora; 7 Imagens em movimento, narrativas e performances negras; 8 Contemporaneidade e cultura popular: atravessamentos – dança, artes e educação.



Temas tratados incluíram Mito imagem e cena: experiências e reflexões afro contemporâneas; O corpo na capoeira; A experiência negra no teatro brasileiro; Pedagogia e africanidades; Dança e diáspora negra; Literariedades sônicas e performáticas de culturas em diáspora; Imagens em movimento, narrativas e performances negras; e Contemporaneidade e cultura popular: atravessamentos – dança, artes e educação

OS TEMAS DOS GRUPOS DE TRABALHO INCLUÍRAM DANÇA, TEATRO, PEDAGOGIA E CAMPOS E INTERSECÇÕES INICIALMENTE INESPERADOS





Franciane Salgado de Paula (Kanzelumuka) é estudante de primeiro ano de mestrado em artes cênicas no IA-Unesp e participa do Grupo Terreiro há dois anos. No colóquio Kanzelu participou como comunicadora no grupo de trabalho Mito e imagem em cena. "Além de poder saber o que há de pesquisas em artes cênicas semelhantes à minha, pude fazer algumas reflexões que me ajudarão no desenvolvimento do meu projeto atual no mestrado", diz a estudante. "Fiquei bem empolgada para participar de mais encontros como este", ela completa.

CONVIDADOS INTERNACIONAIS

Para realização das palestras, o encontro recebeu os convidados internacionais Thomas DeFrantz da Duke University (EUA), que realizou a palestra Beleza Negra: performance contemporânea, estética africana; O senegalês Patrick Acogny, docente da Universidade de Paris XVIII Sait-Denis (FRA), que realizou a palestra Da tradição às formas contemporâneas: a experiência da École des Sables; Yvonne Daniel, professora de dança e de estudos afro-

LUCIANA MARIA CAVICHIOLI

americanos da Smith College (EUA), que falou sobre O poder do corpo dançante africano; Sylvie Chalaye, professora PHD da Universidade Sorbonne Nouvelle (FRA), que apresentou O quilombolismo das dramaturgias afro-contemporâneas. Nefertiti Burton, professora PhD da Louisville University (EUA), ministrou a oficina Orikis: Dramaturgia e Encarnação da Tradição Yoruba no Teatro.

OFICINAS

Além da oficina ministrada por Nefertiti, o bailarino e coreógrafo mineiro Rui Moreno propôs a oficina Si ocê quizé vem. Para o doutorando Fernando Ferraz: "Embora algumas atividades, como os Grupos de Trabalho, tenham podido apresentar demonstrações de processo prático seguido de reflexão, as oficinas vieram dar o contrapeso dos primeiros dias do evento, realizados num formato mais teórico", explica.

MESAS

Durante o colóquio foram realizadas três mesas, seus temas foram: Pedagogia: fazeres e saberes em diálogo, desafios político-institucionais; Afrocentrismo, diáspora, políticas e identidades: estratégias para enegrecer a teoria; e Performance Negra: mediações entre a cultura tradicional e a criação cênica contemporânea. Cada mesa recebeu quatro convidados e foi mediada por um integrante do Grupo de Pesquisa organizador do colóquio.

Yaskara Manzini é pesquisadora e integrante do Grupo Terreiro. Ela foi mediadora da mesa Pedagogia: fazeres e saberes em diálogo, desafios político-institucionais, que debatia as possibilidades abertas pela Lei 10.639/2003, a qual assegura a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro Brasileira na educação básica. Para ela: "Apesar da existência da lei pouco se discute quando se fala da aplicação dela com um olhar mais voltado às artes cênicas, seja a partir de uma perspectiva tradicional ou da re-elaboração das culturas tradicionais", explica. A mesa abordou maneiras como a Arte, em especial as artes do corpo, podem contribuir para potencialização da execução da lei nas escolas.

O GRUPO TERREIRO

2008
Criação pela professora Mariana Monteiro. Organização dos eventos anuais *Tradição e Treinamento do Ator* que abordava as contribuições das teatralidades brasileiras para o treinamento atoral.

2010
Início do projeto de extensão Danças afro e teatralidades.

2012
Oficialização no CNPq. Dos encontros Tradição e Ttreinamento do Ator surge um projeto de extensão que estuda a brincadeira tradicional do Cavalo Marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco , no IA-Unesp.

2013
Algumas integrantes se reúnem na montagem de uma peça teatral inspirada na obra *Homens e Caranguejos,* de Josué de Castro.

2014
Participação da realização de um encontro de capoeira, no IA/ Unesp.

2015
Primeiro Colóquio Internacional O afro contemporâneo nas artes cênicas.





Foram realizadas mesas sobre Pedagogia: fazeres e saberes em diálogo, desafios político-institucionais; Afrocentrismo, diáspora, políticas e identidades: estratégias para enegrecer a teoria; e Performance Negra: mediações entre a cultura tradicional e a criação cênica contemporânea



© Imagens Cortesia do Aukram Burton, RamImages.com

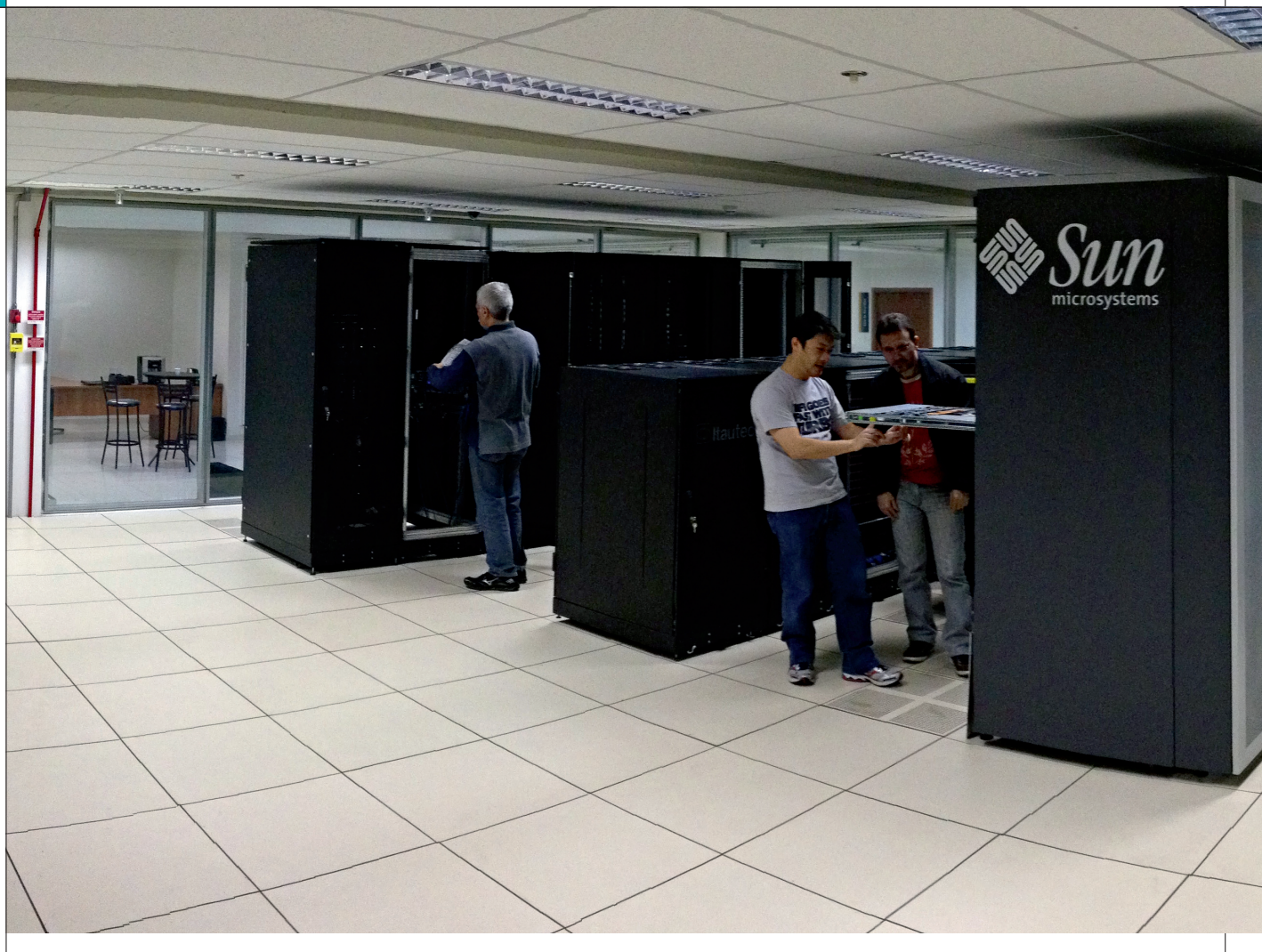
EXIBIÇÕES DE FILMES

Dentre as exibições de filmes que aconteceram durante o evento estão as obras *Movement (R)evolution África* – A Story of an Art Form in Four Acts – direção e realização de Joan Frosch; *Balé de Pé no Chão* – A Dança Afro de Mercedes Baptista – direção e realização de Marianna F. M. Monteiro e Lilian Solá Santiago; e também a obra *Um Filme de Dança* – direção e realização de Carmen Luz. Ao final das exibições de filmes aconteceu uma palestra com cada um dos seus realizadores.

CONTINUIDADE

"Ninguém pensa que isso possa acabar aqui, todo mundo acha que se criou uma nova veia. Pensamos em realizar outros colóquios, proponho que eles sejam bianuais", conta a professora Mariana Monteiro. Na discussão final, sobre as perspectivas futuras do colóquio, surgiu uma vertente para abordarmos, em próximas edições, trabalhos de fora da universidade. "Creio que seja importante consolidar um espaço no universo acadêmico, que é a marca registrada do colóquio, contudo pensamos sim em fazer conexões e novas aberturas nos próximos encontros, mantendo esse eixo central", explica Marianna Monteiro. UC

OBJETIVO É CONSOLIDAR ESPAÇO NO UNIVERSO ACADÊMICO, FAZER CONEXÕES E ESTABELECER NOVAS ABERTURAS



Centro de Pesquisa e Análise de São Paulo – SPRACE

GRUPO COM PESQUISADORES DA UNESP E DA UFABC TRABALHA COM COLABORAÇÃO DO LHC E DO CERN

O Centro de Pesquisa e Análise de São Paulo (São Paulo Research and Analysis Center – SPRACE) envolve pesquisadores da Unesp e da UFABC trabalhando em associação com a Colaboração CMS (Compact Muon Solenoid) do Large Hadron Collider (LHC), do Centro Europeu para Pesquisas Nucleares (CERN).

O grupo de pesquisa do SPRACE encontra-se engajado na análise física dos dados das colisões próton-próton e de íons pesados (Pb-Pb) obtidos pelo detector CMS. Investigamos modelos como aqueles que preveem a existência de dimensões extras e matéria escura e possam levar a uma física além do modelo padrão e desenvolvemos estudos de correlações de partículas para estimar as dimensões de suas fontes emissoras.

O SPRACE está também engajado na implantação de um grupo de instrumentação científica envolvido na pesquisa e desenvolvimento visando o aprimoramento dos subdetectores do CMS que serão implantados até 2023. Vimos trabalhando na eletrônica, simulação e prova de conceito do trigger de nível 1 para o detector de rastreamento (tracker) do CMS.

O SPRACE implantou e opera uma estrutura computacional BR-SP-SPRACE Tier-2 do Worldwide LHC Computing Grid (WLCG),



© Foto Datacenter Laboratório/Sérgio Novaes

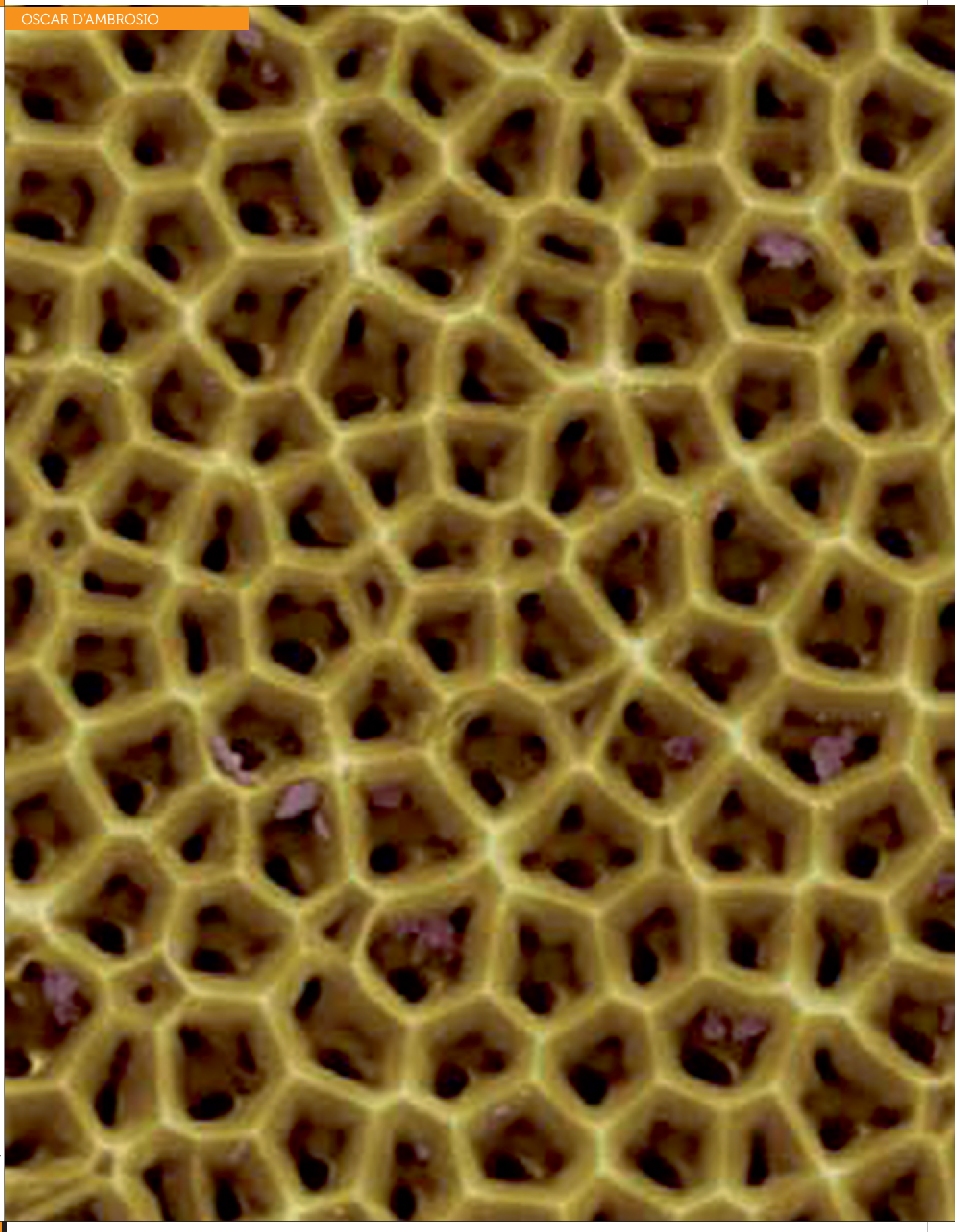
a qual engloba mais de 100 sítios distribuídos por diversos países. A expertise adquirida pelo grupo na implantação do BR-SP-SPRACE permitiu a criação do câmpus grid da Unesp (GridUNESP) que provê atualmente processamento de alto desempenho para mais de 60 grupos de pesquisa de diferentes áreas, contando com quase 300 usuários de toda a Universidade.

O grupo possui um programa vigoroso de divulgação científica que envolveu a distribuição de cartazes sobre a Física de Partículas para as 25.000 escolas do ensino médio e a criação do SPRACE Game. Realizamos anualmente o evento MasterClass em associação com instituições internacionais, que traz cerca de 250 estudantes do ensino médio para três dias de atividades conjuntas, em que eles têm a oportunidade de trabalhar com dados produzidos no LHC, através de um exercício de análise, e de discutir os resultados em videoconferência com instituições estrangeiras.

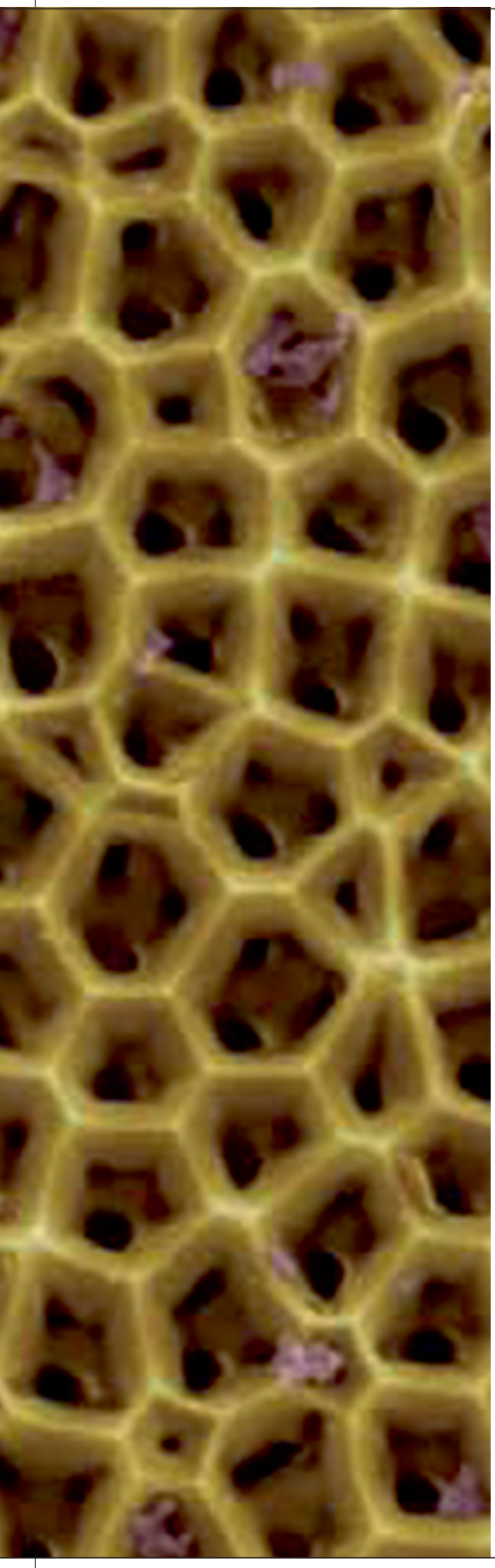
O SPRACE possui colaboração com diversas universidades e centros de pesquisa internacionais como a Université Paris Diderot – Paris 7, University of Edinburgh, University of Southampton, Texas Tech University, Fermi National Accelerator Laboratory (Fermilab), além do CERN, e procura ampliar suas parcerias com o setor industrial. UC

SOBRE O SPRACE
O SPRACE é financiado através de Projeto Temático (2013/01907-0) e pelo programa SPRINT (São Paulo Researchers in International Collaboration) da Fapesp. Mais informações sobre o projeto SPRACE podem ser encontradas no site http://www.sprace.org.br ou através do e-mail Sergio.Novaes@cern.ch

OSCAR D'AMBROSIO



© Reprodução do livro Nanoarte – A arte de fazer arte/2015



O lado oculto da natureza

NANOARTE É FEITA A PARTIR DE IMAGENS DE COMPOSTOS QUÍMICOS COLORIDAS NO COMPUTADOR

O Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF) lançou, em junho, o livro *Nanoarte: A arte de fazer arte*. Coordenada por Élson Longo, professor do Instituto de Química da Unesp de Araraquara, a obra reúne imagens elaboradas por técnicos e pesquisadores que retratam o mundo da nanotecnologia, uma escala cem mil vezes menor do que o olho humano pode observar.

Desenvolvida por técnicos administrativos e pesquisadores do CDMF na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a Nanoarte mistura ciência e conceitos artísticos em figuras que surgem a partir de imagens feitas em um microscópio eletrônico de varredura (MEV) e são coloridas no Photoshop. Captadas no microscópio, as imagens são feitas com os materiais estudados pelos alunos de graduação e pós-graduação do CDMF, como prata, ouro e outros compostos sintetizados em laboratório.

Colmeia (*Alumina Porosa*) Esta imagem foi a segunda colocada no concurso Nanoart21 em Nova York

OSCAR D'AMBROSIO



Bolas de Tênis
(*Prata*)

© Reprodução do livro Nanoarte – A arte de fazer arte/2015

O objetivo principal é mostrar a face oculta da estrutura dos materiais nanométricos e difundir em forma de arte o conhecimento sobre os semicondutores, suas múltiplas morfologias e propriedades ópticas e elétricas distintas.

Na obra, estão as imagens que foram criadas a partir de medidas de microscopia eletrônica. Coloridas, pois as originais são em branco e preto, surgem figuras com muita semelhança com os objetos que nos rodeiam. Assim, o grupo de microscopia criou uma nova imagem, transformando-a em arte e chamando a atenção para a ciência moderna e seus meandros invisíveis.

No prefácio, Maria Aparecida de Moraes Silva, livre-docente da Unesp e professora visitante do programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar com bolsa de Pesquisadora Senior da Capes, ressalta que o livro trata de questões relacionadas a tecnologia, ciência, arte e natureza.

"A natureza é descoberta pelo conhecimento científico por meio da técnica. Em vários momentos a natureza invisível a olho nu torna-se visível e de rara beleza. Reside aí o ponto de confluência entre ciência, técnica e arte. Na realidade, a natureza é o belo, que, por meio de um processo de transubstanciação, conseguido pela técnica, torna-se conhecida, visível. A transubstanciação é produto da dialética entre natureza visível e invisível. Reside aí a criatividade do autor do livro ao imprimir uma

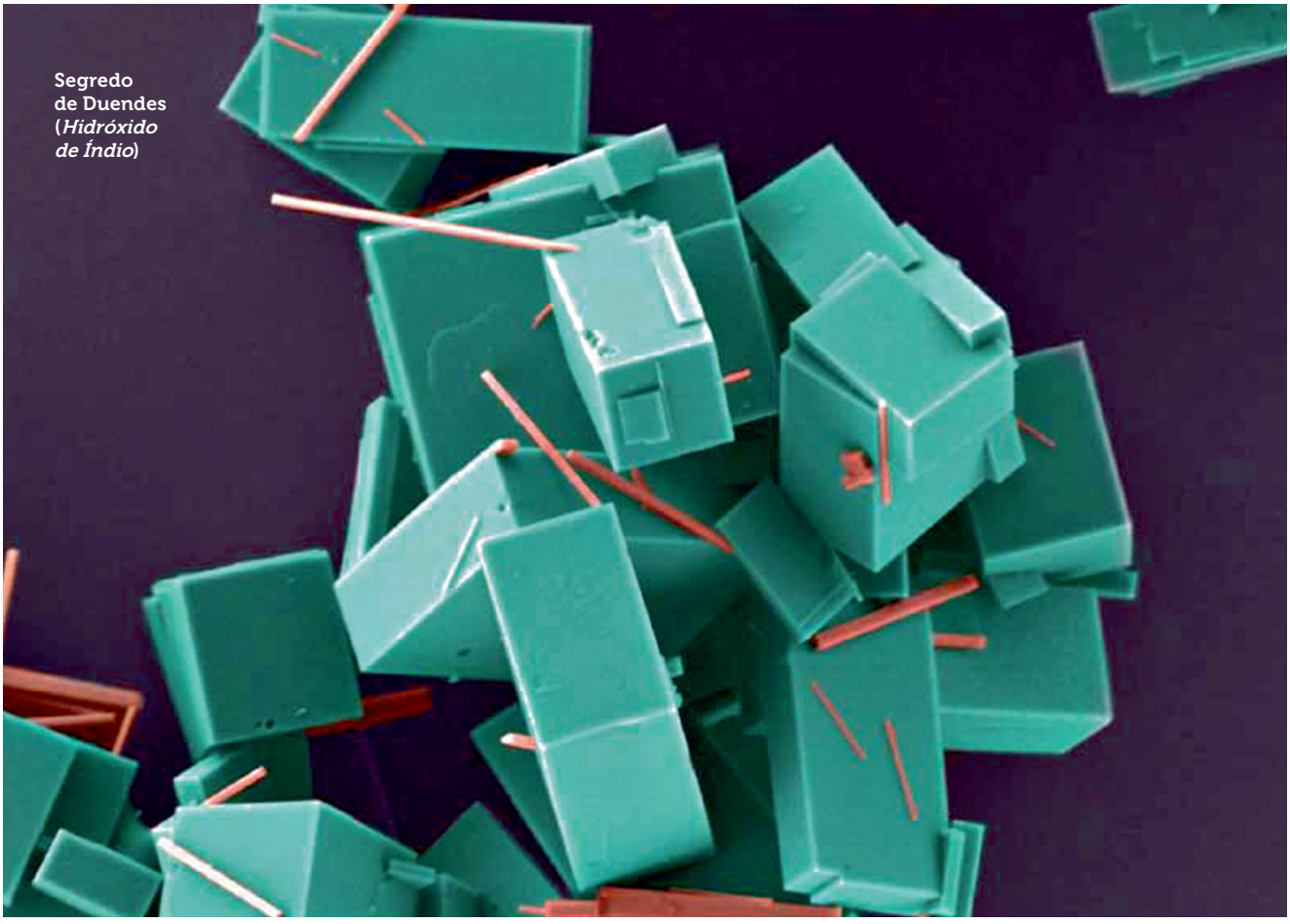
O OBJETIVO PRINCIPAL É MOSTRAR A FACE OCULTA DA ESTRUTURA DOS MATERIAIS NANOMÉTRICOS E DIFUNDIR EM FORMA DE ARTE O CONHECIMENTO SOBRE OS SEMICONDUTORES



Mars Rocks (*Molibdato de Estrôncio*)

© Reprodução do livro Nanoarte – A arte de fazer arte/2015

OSCAR D'AMBROSIO



Segredo de Duendes (*Hidróxido de Índio*)

© Reprodução do livro Nanoarte – A arte de fazer arte/2013

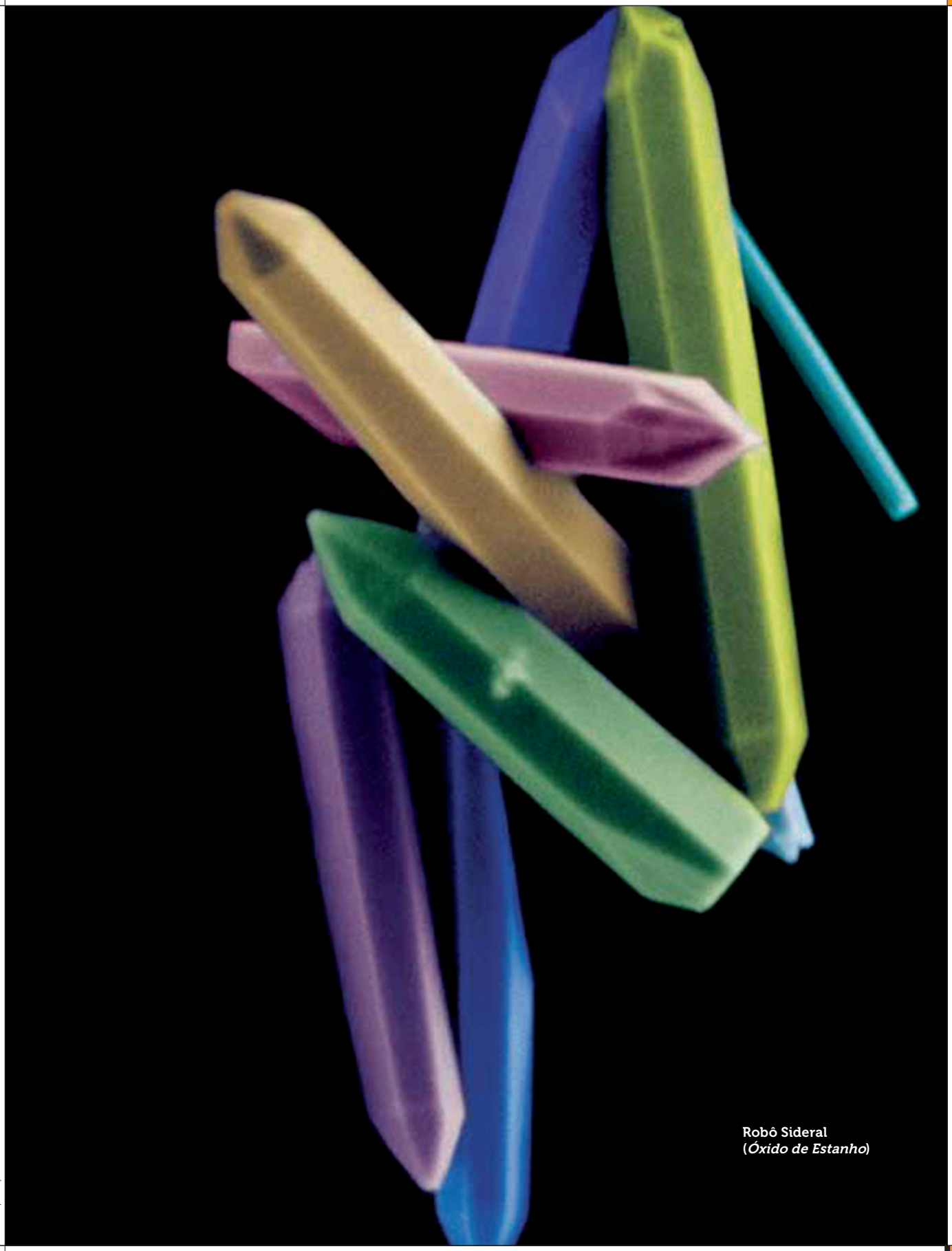
dupla legenda a cada uma das imagens – naufrágio na tempestade (óxido de titânio); leques à la espanhola (biossensor); corais (nanotubo de carbono); colmeia (alumina porosa); maçã do amor (óxido de estanho e índio) –, e assim por diante", afirma.

A obra explica que, de uma forma simples, pode-se definir nanotecnologia como sendo o termo utilizado para descrever a criação, manipulação e exploração de materiais com escala nanométrica. Aqui cabe outra definição, um nanômetro (abreviado como nm) é um metro dividido por um bilhão, ou seja, 1 nm é igual a 10^{-9} m. Somente para se ter uma ideia de tamanho, um fio de cabelo tem cerca de $100x10^{-6}$m, sendo 100.000 vezes maior que um nanômetro.

NA ESCALA NANOMÉTRICA, AS PARTÍCULAS SÃO MENORES QUE 100 MIL VEZES A ESPESSURA DE UM FIO DE CABELO

Quando se encontra ao nível nano, a matéria torna-se invisível ao olho humano. Fazendo uma comparação na escala nanométrica, as partículas são menores que 100 mil vezes a espessura de um fio de cabelo, menores que uma bactéria, relacionada com o tamanho de um vírus.

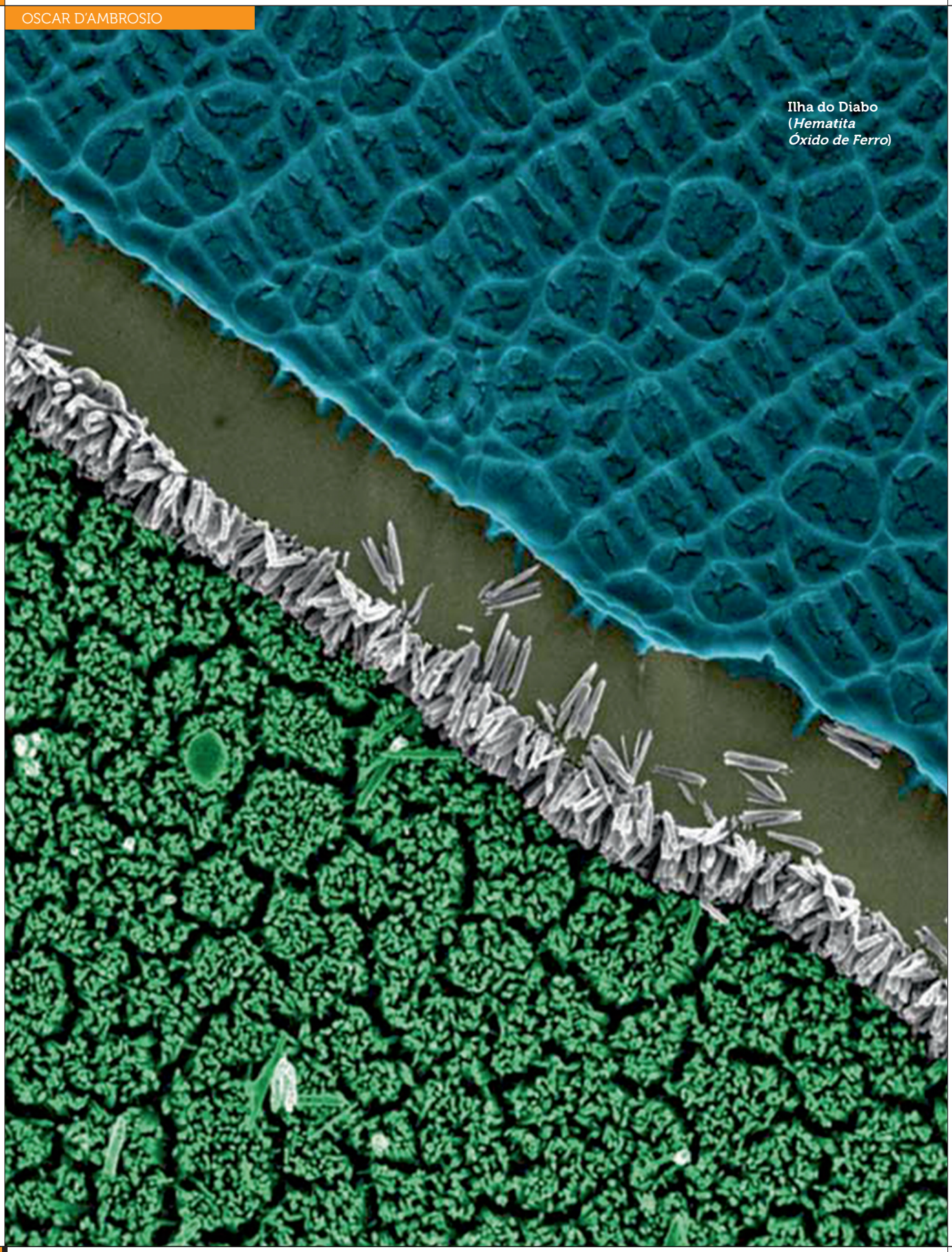
A publicação aponta que os nanomateriais são sintetizados em um número bastante grande em animais e bactérias, e eles têm sido utilizados por mais de 2000 anos como corantes na pintura, porque suas cores diferem em função de seus tamanhos e formas. O domínio



Robô Sideral
(*Óxido de Estanho*)

© Reprodução do livro Nanoarte – A arte de fazer arte/2013

OSCAR D'AMBROSIO



© Reprodução do livro Nanoarte – A arte de fazer arte/2013

das nanociências e nanotecnologias poderia, assim, abrir uma porta de entrada para ver o mundo de dimensões em nanoescala.

Estas novas propriedades físicas e químicas ou fenômenos não só satisfariam a curiosidade humana, mas também prometem novo avanço na tecnologia. Desse modo, a Nanoarte poderia ser considerada uma disciplina que pode estar localizada em uma área de investigação em que convergem arte, ciência e tecnologia.

Criado em 1974 pelo japonês Norio Taniguchi, o termo nanotecnologia é entendido na obra como a maneira como a ciência e a tecnologia são utilizadas para controlar os materiais, de tal forma que pode-se manipular átomos e moléculas para construir estruturas mais complexas. Esta moderna visão científica foi viabilizada com o emprego de equipamentos sofisticados para pesquisa, aumentando de forma considerável o conhecimento sobre a matéria advindo das pesquisas, produzindo, por vezes, imagens.

Pelo microscópio eletrônico de varredura ou transmissão ou microscopia de força atômica e tunelamento, imagens até então invisíveis ao olho humano passam a revelar uma arquitetura da natureza. Foi em 1931, na Alemanha, que Knoll e Ruska desenvolveram o primeiro microscópio eletrônico, que foi comercializado em 1938. Nascia assim um equipamento que iria mostrar o mundo invisível dos materiais.

Um sistema de iluminação e vácuo, que produz feixes de elétrons de alta energia, ao incidir sobre os materiais, fornece imagens imensamente ampliadas, com aumentos atingindo até um milhão de vezes. Desse modo, o microscópio eletrônico de transmissão tornou visível o invisível e viabilizou a pesquisa em nível nanométrico.

No INCTMN / CDMF e em outros centros de pesquisa existe um grande acervo de imagens oriundas de diferentes materiais. Esta coleção de imagens, fruto do trabalho de pesquisa, foi obtida ao longo de 30 anos, e mostra imagens nanométricas que podem ser comparadas às imagens do nosso cotidiano.

A Nanoarte é, portanto, uma composição artística livremente trabalhada, em que as ideias esculturais se sucedem sem grande rigor formal, sugerindo a ideia de improvisação, mas com competência milenar. Revela, portanto, aos olhos o oculto da natureza, tornando palpável ao racional aquilo que é inatingível ao ser humano. Como diz a obra, nas imagens reunidas, "há um movimento de controle da razão pela música, que desperta sentimentos, os quais escapam como fumaça ao controle da razão e do belo, conduzindo-nos a uma espécie de mergulho no infinito devaneio. Ao emergirmos, há a sensação de paz e tranquilidade espiritual".

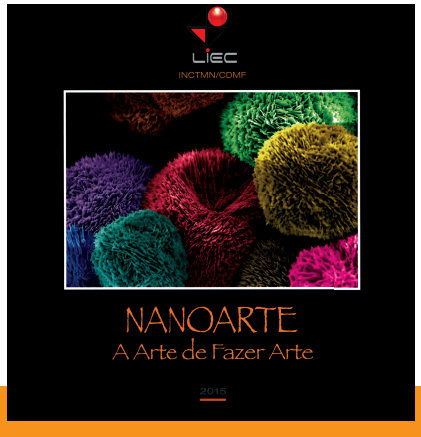
Nesse sentido, o livro conclui que a Nanoarte pode ser compreendida como um estudo do fenômeno de uma imagem poética quando a imagem emerge na consciência como resultado dos sentidos, dos sentimentos e das vivências. Pode ser também compreendida como algo que resulta uma luz interior, uma visão interior num mundo cercado e dominado pela racionalidade. UC

Repercussão internacional

Ricardo Tranquilin e Rorivaldo Camargo são os idealizadores do projeto e principais autores das imagens. A Nanoarte já esteve em São Carlos (SP), Franca (SP), Natal (RN), Tatuí (SP), Nova Iorque (EUA), San Sebastian (Espanha), Castellón (Espanha) e Tel Aviv (Israel). No fim de 2014, a exposição foi mostrada no 3º Festival Internacional de NanoArt, na Romênia.

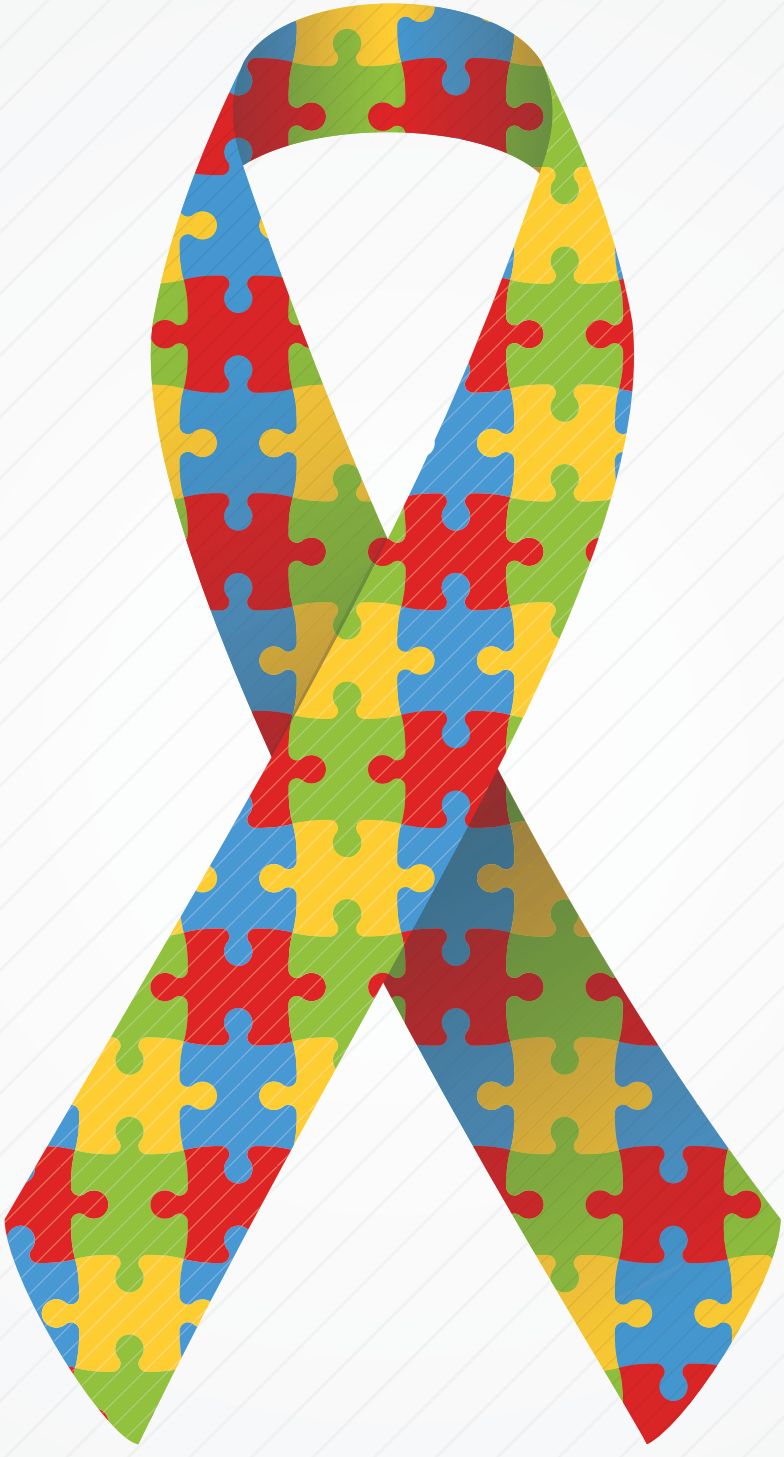
Sobre o CDMF

O Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF) é um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID) apoiados pela Fapesp. Ele também recebe investimento do CNPq, a partir do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia dos Materiais em Nanotecnologia (INCTMN). O Centro tem participação da Unesp, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), da USP e do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen).



O livro
"Nanoarte: A arte de fazer arte"
Coordenação: Elson Longo
Editor Executivo: Enio Longo da Silva
Capa: Leopoldo Reis Longo
Projeto Gráfico: Enio Longo da Silva
Arte: Rorivaldo Camargo, Ricardo Tranquilin e Daniela Caceta

Informações
(16) 9 8178-2748 (16) 3351-8214
fernandavilela@liec.ufscar.br
Conheça o CDMF - http://www.cdmf.org.br



© frikota

Transtorno do Espectro do Autismo

TEXTOS REFLETEM SOBRE ASPECTOS PEDAGÓGICOS E SOCIAIS

DESAFIOS EDUCACIONAIS

MARIA CLAUDIA BRITO

O Dia Mundial da Conscientização do Autismo foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2007 e ocorre anualmente no dia 2 de abril. Esta data tem entre seus objetivos promover importante mobilização quanto a aspectos educativos e sociais sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), por meio de ações que atentem e informem membros das sociedades e governantes acerca dos TEA, suas necessidades, possibilidades e direitos de inclusão na sociedade.

As pessoas com TEA apresentam diferentes graus de severidade e sintomatologia, caracterizados por dificuldades nas áreas de comunicação e de interação social e pela presença de comportamentos e interesses restritos, estereotipados e repetitivos (APA, 2013). Estima-se que a incidência seja de uma criança com TEA para cada 88 crianças nascidas (Center of Deseases Control and Prevention – CDC, 2012). Portanto, é evidente a necessidade de desenvolvimento e aplicação de recursos humanos e materiais que possam favorecer assistência a pessoas com TEA e seus familiares. No Brasil, embora a Constituição Federal tenha definido em leis específicas os direitos desta população, na prática, eles não são efetiva e integralmente alcançados.

É nesse contexto que se destaca a importância das Novas Tecnologias Digitais, e em particular da Robótica, como possibilidades oportunas e promissoras no auxílio aos desafios educacionais e sociais que envolvem os alunos com TEA e uma escola inclusiva.

As Tecnologias Digitais estão, de modo geral, cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas e influenciam, significativamente, a vida social. A busca por novos meios para inclusão de alunos com dificuldades sociais e de aprendizagem tem levado cada vez mais pesquisadores de todo o mundo a investigar e desenvolver diversas tecnologias inovadoras com objetivos educacionais e sociais. A esco-

Maria Claudia Brito é Doutora em Educação e Pós-Doutora em Educação Especial da Unesp de Marília. Colaboraram: Deise A. Peralta – Unesp/ Ilha Solteira – SP; Gustavo Morceli – PETE Educação com Tecnologia / São Carlos – SP; e José P. A. Prado – PETE Educação com Tecnologia / São Carlos – SP.



© Kevinfruet/Wikimedia

la e outros contextos educacionais tendem a se transformar cada vez mais em espaço para diálogo, discussão e aplicação dessas novas tecnologias.

A UTILIZAÇÃO DE ROBÔS TEM DEMONSTRADO RESULTADOS COMO: POTENCIAL PARTICULAR PARA PROMOVER INTERESSE E ATENÇÃO CONJUNTA ENTRE PESSOAS COM E SEM TEA

A Robótica Educacional, particularmente, tem mostrado resultados eficazes para o educador que quer apropriar-se da tecnologia digital em sua prática pedagógica. Esses dispositivos podem ainda ser incluídos na categoria de tecnologia assistiva e se tornar um recurso a práticas educativas direcionadas a pessoas com TEA, com reais possibilidades de favorecer aspectos cognitivos, comportamentais e de interação social. Experiências internacionais têm relatado importantes resultados sobre a utilização de robôs para favorecer tais aspectos nos TEA.

Algumas características de dispositivos robóticos, são a possibilidade de programação que envolve previsibilidade de movimentação, sons e estímulos visuais, uso de temas preferenciais de alunos com interesses específicos e o emprego de características que proporcionem melhores resultados sociais, motivacionais e na aprendizagem de conteúdos curriculares. A utilização de robôs tem demonstrado resultados como: potencial particular para promover interesse e atenção conjunta entre pessoas com e sem TEA; maior ocorrência de fala e discurso dirigido por parte da criança com TEA na interação com um adulto, do que quando o recurso utilizado foram jogos ou computador convencional; e redução significativa da ansiedade em situações de interação social em adolescentes com TEA que apresentaram aumento no conhecimento de robótica. Esses aspectos

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 2 de abril de 2015.

certamente têm influência na aprendizagem de pessoas, e consequentemente impacto em seus familiares, colegas, professores e toda a comunidade escolar.

Assim, destaca-se a robótica como prática de ensino e avaliação, que pode contribuir significativamente para os desafios educacionais que envolvem alunos com TEA e com outras necessidades específicas, que vão desde a educação infantil ao ensino superior. O desafio de desenvolver uma cultura de inovação na Educação pode beneficiar a sociedade de modo geral e é tema de interesse na formação de profissionais em Educação e Saúde.

COMPROMETIMENTO DA CAPACIDADE DE INTERAÇÃO NÃO DEVE SER IMPEDIMENTO

ELIANA MARQUES ZANATA

O dia 2 de abril é o dia mundial de conscientização do autismo. O azul foi escolhido como a cor símbolo, uma vez que a prevalência do autismo acomete mais meninos do que meninas. Neste dia muitos monumentos e espaços são iluminados na cor azul, balões de gás e fitas azuis também são utilizadas como uma forma de chamar a conscientização sobre o autismo.

Com causas pouco claras, o autismo ainda é alvo de muitos mitos e há uma complexidade em seu diagnóstico. Estima-se que hoje existam no Brasil 2 milhões de pessoas com autismo, que é apresentado como um transtorno global do desenvolvimento que basicamente compromete o comportamento, a capacidade de comunicação e a interação social. Na prática, isso significa que o autista costuma apresentar comportamentos diferenciados. Com uma personalidade introspectiva, tende a passar muito tempo sozinho, pode ter dificuldade para se comunicar, custa a estabelecer relacionamentos com as pessoas que o cercam, busca constância e rotina no seu dia a dia. O autista pode apresentar desde alguns até muitos dos sintomas do transtorno. Cada caso é individual e tem suas próprias características.

Ser autista, contudo, não impede que a pessoa frequente a escola, conviva com a família, tenha amigos e uma vida social ativa. Partindo do convívio com a família, a escola é o espaço em que essa criança ou jovem passará o maior tempo de convivência e vivenciará experiências que conduzam ao seu desenvolvimento. Participar de jogos, brincadeiras, atividades didáticas, enfim, a interação no espaço escolar deve ser garantida como um direito.

Atualmente muitos são os envolvidos para que o preconceito e a falta de informação não sejam mais fatores de exclusão. Professores, pais e amigos se mobilizam em ações afirmativas e orientadoras. Exemplos como estes podem ser vistos nas mídias e nas redes sociais. O acolhimento responsável da pessoa com autismo pode ser considerado acima de tudo uma ação de cidadania e respeito à universalidade do ser humano. UC

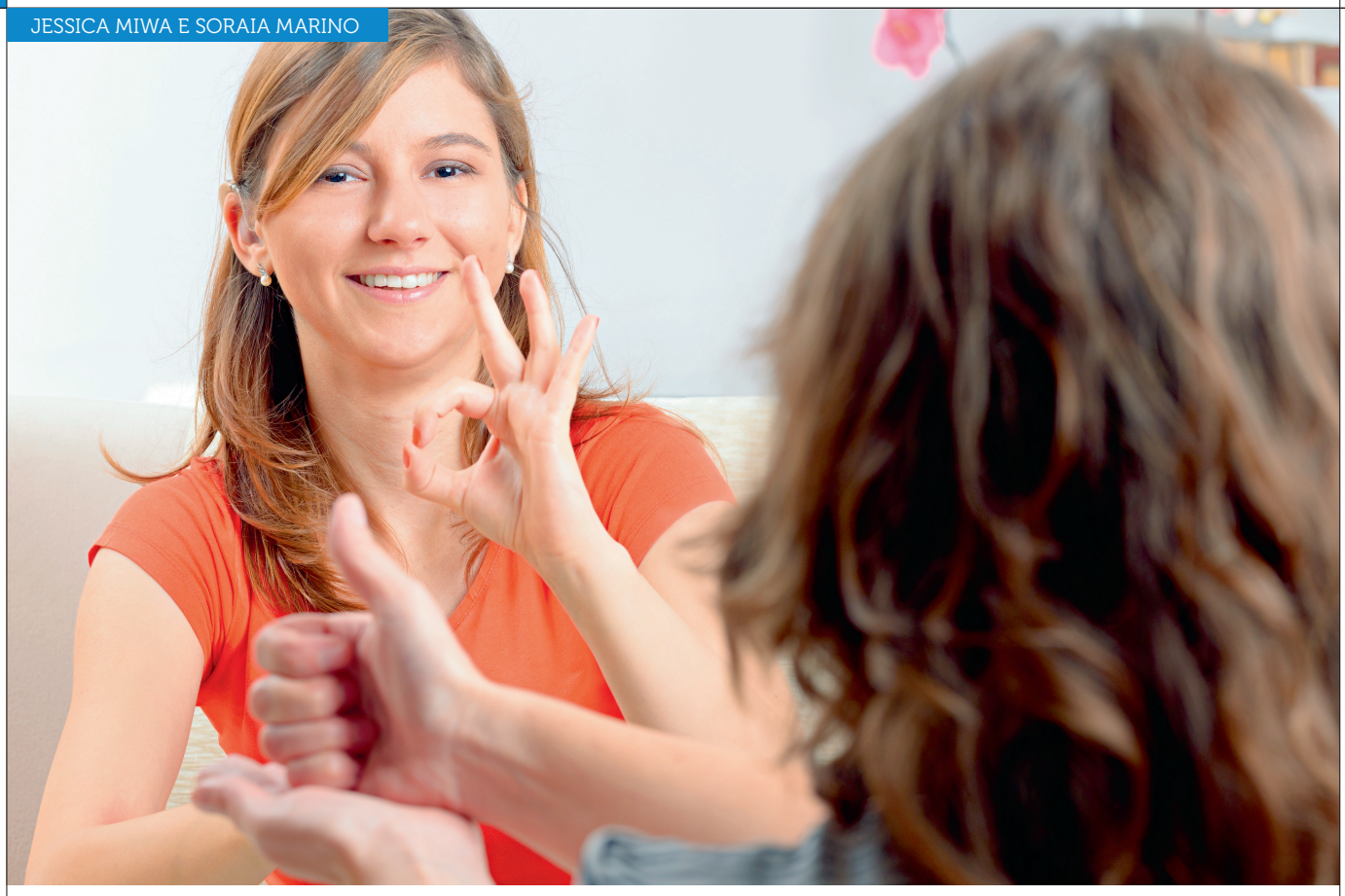


© Beeldredacteur/pixabay

O AUTISTA PODE APRESENTAR DESDE ALGUNS ATÉ MUITOS DOS SINTOMAS DO TRANSTORNO. CADA CASO É INDIVIDUAL E TEM SUAS PRÓPRIAS CARACTERÍSTICAS

Eliana Marques Zanata é professora-autora do programa Redefor Educação Especial e Inclusiva e docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Unesp Bauru (FC/Unesp)

JESSICA MIWA E SORAIA MARINO



© Monika Wisniewska/Dreamstime.com

LIBRAS por uma Educação Inclusiva

TANTO NO ENSINO INFANTIL, QUANTO NO SUPERIOR, POLÍTICAS PÚBLICAS PROCURAM FOMENTAR A INCLUSÃO DE SURDOS NA VIDA ACADÊMICA

No final deste ano, o Decreto de Lula completará dez anos, período máximo estabelecido para que a lei entrasse em vigor em 100% dos cursos nas instituições de ensino superior. A Unesp, por meio do Núcleo de Educação a Distância (NEaD/Unesp), oferece a disciplina optativa e os cursos têm autonomia de adotá-la ou não. "É primordial conscientizar a todos da relevância dessa disciplina e dos aspectos contemplados, que se configuram em um importante aprendizado para a vida profissional dos graduandos", explica Denise Albuquerque, responsável pela coordenação da iniciativa.

Mais políticas públicas podem favorecer a construção de uma escola inclusiva: tramita na Câmara Municipal de São Paulo Projeto de Lei (90/2013) que torna obrigatório o ensino da Língua Brasileira de Sinais, no Ensino Infantil e Fundamental, e a contratação de professores surdos para lecionar a matéria. Para a pesquisadora e intérprete de Libras Laís dos Santos Di Benedetto, é real e urgente a necessidade de todos os alunos terem contato com a língua de sinais, para que possam se comunicar com o aluno com deficiência auditiva.

A legislação brasileira prevê que a escola regular deve atender aos estudantes com deficiências diversas. Entretanto, muitas escolas não têm estrutura física ou profissionais capacitados para receber crianças com deficiência.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No início de 2014, o Núcleo de Educação a Distância da Unesp deu início a cursos de especialização semipresenciais para professores e gestores da Rede Estadual de SP, por meio do programa Rede São Paulo de Formação Docente (Redefor), que contemplam a Educação Especial e Inclusiva. São eles: Educação Especial na área das Deficiências Auditiva, Física, Intelectual e Visual; Transtornos Glo-

bais do Desenvolvimento; Altas Habilidades/ Superdotação; e Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Em especial, os cursistas da Educação Inclusiva já se encontram em fase de apresentações dos Trabalhos Acadêmicos para a obtenção da formação de especialista e obtenção do diploma pela Unesp. As defesas foram iniciadas em 16 de maio, e seguem em finais de semana determinados até o fim do mês de junho, nas cidades de São Paulo, Bauru e Presidente Prudente.

Para Elisa Tomoe Moriya Schlünzen, coordenadora acadêmica do Redefor, é muito importante construir uma cultura inclusiva nas escolas, da gestão à sala de aula. "Só assim conseguiremos oportunizar, de fato, a aprendizagem de todos os estudantes, com ou sem deficiência."

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS X AMERICAN SIGN LANGUAGE

O Teletandem Brasil, projeto de pesquisa de docentes da Unesp de Assis e São José do Rio Preto, coloca alunos universitários brasileiros que querem aprender uma língua estrangeira em contato com alunos universitários de outros países, que gostariam de aprender o português. O mote é "Eu ajudo você a aprender minha língua e você me ajuda a aprender a sua!". O que faz todo sentido, afinal a aprendizagem de forma colaborativa é ainda mais gostosa.

"Achamos que é direito de todos os jovens terem seus amigos no exterior, trocarem ideias, desenvolverem suas competências interculturais para melhor compreenderem como pensam e agem os povos de outras culturas", assinala o professor João Telles, um dos coordenadores do projeto. "Certamente tais ideais não excluem os cegos, os surdos e qualquer pessoa com necessidades especiais", conclui.

Pensando na inclusão, João promoveu o primeiro encontro entre a intérprete de Libras, Laís dos Santos Di Benedetto, e a de ASL, Michelle Freas. "Os enfoques de pesquisas são sobre aprendizagem de línguas de sinais e, principalmente, sobre a inserção social do surdo nos processos de internacionalização e de comunicação intercultural", explica o professor. "Há pelo menos quatro línguas em ação neste tipo de interação. Do ponto de vista linguístico e da comunicação, é muito interessante."



© Monika Wisniewska / Evan-Amos

Para Laís, que conhecia poucos sinais da ASL, a interação foi muito produtiva. "No começo não estávamos conseguindo nos entender, tivemos que usar o recurso do inglês. Depois, fomos tentando comparar as duas línguas, os sinais da Libras e da ASL. Após alguns minutos, nem precisamos mais usar o inglês, somente as línguas de sinais", conta a intérprete. "As trocas culturais são muito válidas."

Segundo João Telles, é possível que línguas de sinais passem a integrar o repertório do projeto Teletandem. "Dependerá de nossos colegas que trabalham nesta área da Unesp e dos contatos que possam ser realizados com instituições no exterior, o que é um desafio enorme", explica. UC

CARLOS DAGHLIAN



© Henry Morgenthau/Wikimedia

Um genocídio quase esquecido

Os armênios do mundo inteiro relembram hoje o centenário do Genocídio Armênio, dia em que, em 1915, o governo turco decretou o massacre dos armênios, que havia séculos povoavam a parte da Turquia conhecida por Anatólia, para tirá-los do seu território e ficar com os seus bens. A estimativa é que 1,5 milhão de armênios foram massacrados no período da Primeira Guerra Mundial. Meus pais e os idosos da família evitavam falar conosco sobre a tragédia que viveram. Mas quando fui cursar mestrado nos Estados Unidos (1963-1965), morei em Los Angeles com a família de tio Benjamim, sobrevivente, o irmão mais velho do meu pai. Ele contou fatos que até meu pai desconhecia. Meus avós paternos, com duas filhas moças, dois filhos pré-adolescentes e o filho caçula, que tinha um ano e meio, foram arrancados de suas propriedades e conduzidos por soldados turcos, com milhares de armênios indefesos, ao deserto de Deir-Ez-Zor, em território sírio. O caçula, de um ano e meio, foi colocado nas costas de tio Benjamim, que tinha 13 anos.

Carlos Daghlian é professor aposentado da Unesp de São José do Rio Preto.

De meus avós, não tivemos mais notícias. De suas filhas, alguns sobreviventes informaram que as viram sendo mortas a machadadas. O filho caçula, chorando desesperadamente e pedindo água e comida, acabou sendo abandonado no deserto, onde teve a sorte dos que ali morreram. Os dois pré-adolescentes foram recolhidos por beduínos curdos que viviam às margens do Eufrates. Minha avó materna sobreviveu. Seu irmão mais velho, tio Moisés, foi poupado porque os turcos precisavam dele. Era farmacêutico e exercia as funções de médico.

Tio Moisés conseguiu esconder meu pai dentro de casa por três anos. Sempre que chegava alguém de fora, ele se escondia no sótão ou no porão. Mas, certo dia, tio Moisés recebeu a visita de um policial turco, de cuja família ele cuidava. O policial disse: "se eu fosse o senhor, fugiria desta cidade ainda hoje, porque amanhã os soldados virão buscar a sua família, para deportação". Ao escurecer, a carroça com a mudança tomava o rumo da fronteira com a Síria, onde chegaram no dia seguinte e, passando por Alepo, foram ao Líbano. Em Beirute, meu pai foi colocado em um orfanato inglês. Os dois irmãos dele tinham sido adotados pelos beduínos curdos, que tinham até arranjado casamento para os dois. Mas, depois de alguns anos, eles fugiram para Bagdá, e de lá chegaram a Beirute, onde esperavam ter notícias da família. Num sábado, enquanto passeava pela cidade, meu pai teve a surpresa de reencontrar os dois irmãos. Então os sobreviventes da família se organizaram para vir ao novo mundo. Em 1920, tio Moisés com a família e tio Benjamim emigraram para os Estados Unidos. A outra parte da família, que incluía meu pai e um irmão dele, veio ao Brasil em 1926.

Meu pai e seus dois irmãos só se reencontraram de novo 36 anos depois, em 1956, quando o irmão americano, já aposentado, veio ao Brasil nos visitar, com a mulher e a filha. Na noite de 24 de abril de 1965, justamente quando se completavam os 50 anos do genocídio, tio Benjamim faleceu de repente. Durante o dia, eu e minha tia não ligamos o rádio nem a televisão, porque ele se mostrava tenso. Com certeza, lembrava-se do irmão caçula que teve de abandonar no deserto, embora não tivesse culpa. Na manhã do dia 25, estranhamos a ausência do meu tio, ele que era sempre o primeiro a se levantar. Quando fui chamá-lo, ele estava gelado e com o semblante sereno. Minha tia, já preocupada, foi ao quarto e, quando percebeu que ele estava morto, já chorando, disse: "ele encontrou o irmão". Segundo Robert Fisk, tido como o maior repórter de guerra do século XX, em agosto de 1939, Hitler fez a seus generais uma infame pergunta retórica para justificar a sua intenção de invadir a Polônia: "Quem ainda lembra hoje os crimes cometidos contra os armênios?". Houve várias tentativas da Turquia de afirmar que Hitler nunca disse isso, mas foram encontradas cinco versões diferentes da pergunta.

Ao invés de se desculpar com os armênios, como fez o governo alemão com os judeus, o governo turco vem gastando uma fortuna para sustentar um lobby junto a vários governos. Entretanto, muitos países, além do Parlamento Europeu, já reconheceram o genocídio armênio. Faço este relato por considerar que a História se faz também por depoimentos, sejam eles feitos por pessoas que viveram os fatos ou deles ouviram sobre os mesmos, como foi o meu caso. Muitos livros foram escritos por sobreviventes do genocídio armênio, assim como do holocausto judeu. Por isso, alguns críticos chegam a considerar a literatura produzida por sobreviventes como um "gênero" à parte. Seja como for, os depoimentos feitos por sobreviventes da primeira, segunda ou terceira geração servem para manter viva a memória e preservar a identidade de um povo. UC

A ESTIMATIVA É QUE 1,5 MILHÃO DE ARMÊNIOS FORAM MASSACRADOS NO PERÍODO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL. MEUS PAIS E OS IDOSOS DA FAMÍLIA EVITAVAM FALAR CONOSCO SOBRE A TRAGÉDIA QUE VIVERAM

Este artigo foi publicado originalmente no *Diário da Região de São José do Rio Preto*. Acesse: http://goo.gl/Wb1Nq2

JOÃO EDUARDO HIDALGO



Uma lista que não é a de Schindler

PROFESSOR DA UNESP OFERECE DICAS DE CINEMA QUE AMPLIAM REPERTÓRIO CULTURAL

Quando os Irmãos Lumière fizeram a primeira sessão pública do cinematógrafo, no porão do Grand-Café do Boulevard des Capucines, em Paris, no dia 28 de dezembro de 1895, não tinham a mínima ideia de que estivessem criando um novo tipo de arte. Para eles o cinema era só uma curiosidade científica, opinião da qual discordou um dos espectadores, o prestidigitador George Méliès (1861-1938); os irmãos não se interessaram nem em discutir o assunto e muito menos em vender uma de suas câmeras para o impressionado senhor, que seria o introdutor da ficção no cinema.

Os franceses e os americanos foram os primeiros a acreditarem neste novo meio de expressão, que seria a mídia dominante do Século XX. Em 1915 David Griffith realiza a sua ficção racista *O nascimento de uma nação* (*The birth of a nation*), onde culpa a chegada dos negros escravos pela destruição da nação americana, e louva a existência da Ku-Klux-Klan, para defender os verdadeiros americanos. A linguagem do cinema sendo usada para um discurso ideológico repugnante.

João Eduardo Hidalgo, professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru.

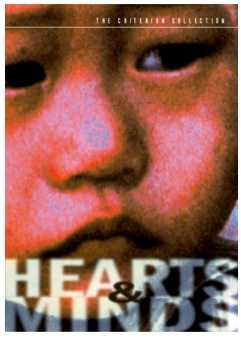


© Divulgação

JOÃO EDUARDO HIDALGO

O pioneiro Robert Flaherty (1884-1951), com bastante justiça, é sempre lembrado como o diretor do primeiro documentário cinematográfico. A sua aventura no norte do Canadá, o contato e o interesse em registrar a vida dos esquimós fez com que ele intuitivamente realizasse um dos primeiros documentos visuais mais significativos do século XX, *Nanook, o esquimó*. Gigantesca é a presença da alemã Leni Riefenstahl (1902-2003) quando se estuda o modelo do documentário clássico. Ela conhecia todos os seus predecessores, sabia o que tinham feito de eficiente, era admiradora e amiga de Walter Ruttmann (1887-1941), diretor do documentário *Berlim – sinfonia da métropole*, ficou atordoada com as ficções *Encouraçado Potemkim* (1925) e *Outubro* (1927) de Sergei Eisenstein (1898-1948) e desejava fazer o mesmo uso ágil das câmeras de Abel Gance (1889-1981) no drama *Napoleon* (1927). E teve pleno êxito em reunir todos os procedimentos destes realizadores no seu monumental *Triunfo da vontade*, onde ela mostra virtuosidade no uso da posição das câmeras, na composição das cenas, no uso do som e principalmente na montagem, para criar a propaganda nazista que mudou o cinema.

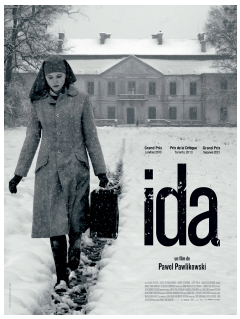
Com o final da guerra a humanidade chocada veria um dos mais contundentes retratos da loucura de Hitler em *Noite e Neblina* (*Nuit et brouillard*), um documentário feito em 1955, por Alain Resnais, para mostrar o imponderável da existência dos campos de concentração nazistas. Uma década antes, no último ano do conflito, o diretor italiano Roberto Rossellini

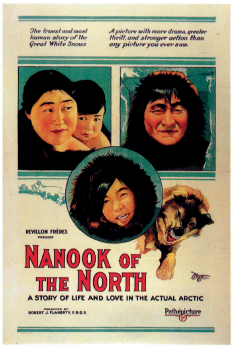


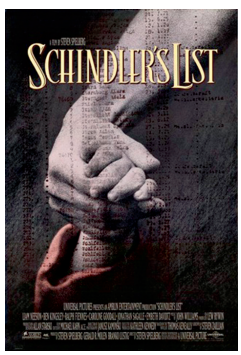












© Divulgação

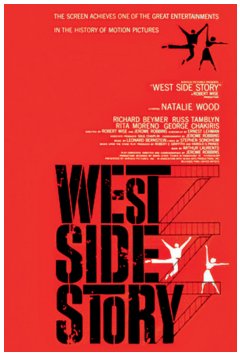
O PIONEIRO ROBERT FLAHERTY (1884-1951), COM BASTANTE JUSTIÇA, É SEMPRE LEMBRADO COMO O DIRETOR DO PRIMEIRO DOCUMENTÁRIO CINEMATOGRÁFICO

dirigiu *Roma, cidade aberta* (*Roma, città aperta,* 1945), mostrando o sofrimento da população subjugada pelo fascismo de Mussolini e pelo nazismo. Filmando escondido dos alemães que ainda estavam na cidade, usando prisioneiros para filmar as cenas de conflito e principalmente colocando no centro do filme o fuzilamento de um padre, que colaborava com a resistência italiana, fez uma metáfora do sacrifício pelo qual a população passou, para conquistar a sua liberdade.

Os Estados Unidos tornam-se o paraíso no pós-guerra e sua história é contada em detalhes, nem sempre edificantes, por Orson Welles em *Cidadão Kane*, de 1941. Neste filme ele narra a história do magnata da imprensa William Randolph Hearst, que dominou a opinião pública americana no final do século XIX e começo do XX, e que podia inclusive inventar conflitos, como o fez com a guerra EUA x Cuba de 1898, que nasceu nas páginas de seus jornais. Para muitos críticos de cinema *Cidadão Kane* é o melhor filme de todos os tempos.

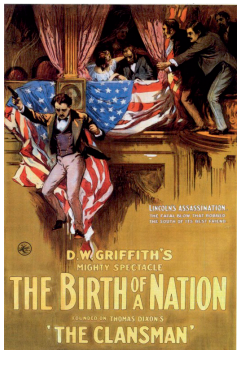
Com o desenvolvimento no pós-guerra o cinema deixou para trás o conflito mundial e começou a prestar atenção em histórias de grupos e populações no novo mundo. Romeu e













Julieta visitam a América dentro de um bairro de imigrantes, no melodrama *Amor Sublime Amor* (*West Side Story*), de Robert Wise, realizado em 1961. Na Itália ou em Nova York os choques culturais têm a mesma força e os destinos estão ligados em uma imensa trama. Em 1974 o jornalista americano Peter Davis faria um dos documentários mais eticamente justos que já foram realizados, *Corações e mentes* (*Hearts and minds*). Nele é mostrada, através de entrevistas e imagens de noticiário, a posição dos americanos na Guerra do Vietnã, mas também o sofrimento e o que pensam os vietnamitas do ataque aos seus povoados e a suas famílias, pelo governo dos Estados Unidos, imperdível.

No final do século XX, muito da memória da Segunda Guerra Mundial estava sendo esquecido e negado, o diretor Steven Spielberg fez o seu emocionante drama *A lista de Schindler* (1991). Ele mostra que a consciência não poderia deixar de existir durante um período ditatorial como foi o domínio de Adolf Hitler (1889-1945), na Alemanha. Um alemão, Oskar Schindler, que não concordava com o nazismo, salvou mais de mil pessoas, que contratou como operários em suas fábricas, retirando-as da morte certa nos campos de extermínio.

Recentemente uma cineasta alemã brindou o cinema com um filme corajoso, *Hannah Arendt* (2013). Neste filme a diretora Margarethe Von Trotta mostra o dilema vivido pela filósofa alemã, de origem judia, Arendt (1906-1975) ao cobrir, para a revista *The New Yorker* em 1960, o julgamento do nazista fugitivo Adolf Eichmann. Ela apontou a culpa de muitas lideranças judaicas que não informaram a situação de seus grupos e não tentaram mais efetivamente evitar o seu envio para os campos de concentração. E também apontou a banalidade do mal, pois Eichmann nunca se sentiu culpado, pois estava simplesmente "cumprindo ordens" com muita eficiência.

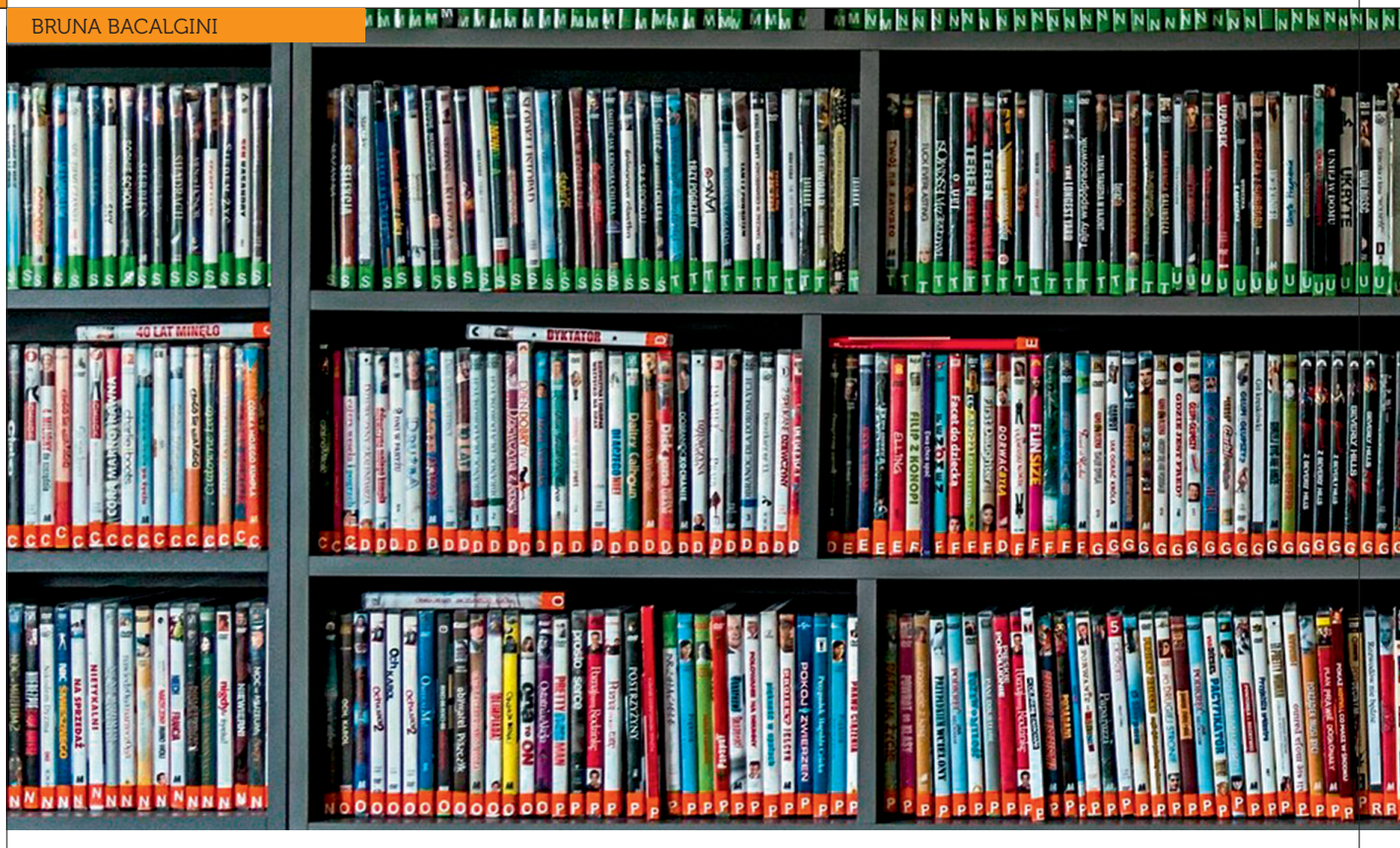
Complementando a visita aos regimes totalitários, também em 2013, o diretor polonês

NO FINAL DO SÉCULO XX, MUITO DA MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ESTAVA SENDO ESQUECIDO E NEGADO, O DIRETOR STEVEN SPIELBERG FEZ O SEU EMOCIONANTE DRAMA *A LISTA DE SCHINDLER* (1991)

Pawel Pawlikowsk dirigiu *Ida*, um dos filmes mais emocionantes da atualidade. Neste drama a jovem Ida, na Polônia do início dos anos 1960, tem que decidir entre tornar-se freira, no convento em que foi acolhida ainda pequena durante a guerra, ou viver a modernidade que se insinuava no país, depois da morte de Joseph Stalin (1879-1953), que pairava sobre a nação satélite do império comunista. O final do filme ensina que nestes conflitos o desfecho nem sempre é simples, os culpados e os inocentes se mesclam sem chance de separação.

Uma lista sobre filmes de ficção e documentários, clássicos e modernos, como *A lista de Schindler* sempre deixará muita coisa de fora, mas tentará, como esta, elencar alguns dos representantes essenciais no amplo cenário de 120 anos da chamada Sétima Arte. UC

BRUNA BACALGINI



Onde está o bibliotecário?

No dia 12 de março foi comemorado o dia do bibliotecário. O próprio nome bibliotecário já nos faz lembrar de biblioteca, mas será que esse é o único local em que podemos encontrar um bibliotecário?

O bibliotecário é o profissional que trabalha com a gestão da informação, esteja a informação em qual suporte for, seja livros, sites, bases de dados, fotos, jornais, enfim, onde existir um conjunto de informações para organizar e pesquisar, lá o bibliotecário poderá atuar.

Em um mundo cada vez mais digital e com um mar de informações à disposição somente a alguns cliques, qual o papel do bibliotecário? Diante de tantos textos, imagens, links, posts e dados na web, como encontrar a informação de que realmente precisamos? Como saber se a informação disponível na internet tem credibilidade? O bibliotecário é o profissional que poderá auxiliar o cidadão a encontrar a informação que necessita utilizando conhecimentos, técnicas, ferramentas e sua experiência profissional para buscar fontes de informações seguras e precisas.

Para organizar um acervo, seja ele físico ou digital, o bibliotecário necessita conhecer o público que irá utilizá-lo. Organizar o acervo de acordo com as necessidades e perfis de seus usuários. Mais do que entender e gostar de livros, este profissional precisa amar se comunicar com pessoas. Pessoas precisam localizar informações e para localizá-las é preciso que estejam guardadas e organizadas. Assim, os usuários são a razão de ser dessa profissão. Mais do que ser organizado, o bibliotecário precisa ser comunicativo. Interagir com pessoas e compreender o que elas buscam de informação é uma das principais atribuições do bibliotecário. Sem essa comunicação com o usuário, não é possível saber exatamente o que ele precisa e, assim, encontrar a informação necessária.

Este profissional sabe quão valiosa uma informação pode ser para uma pessoa. Desta forma, o atendimento ao usuário não é somente entregar um livro ou um documento, mas sim buscar com determinação e persistência

Bruna Bacalgini é bibliotecária na Unesp de Sorocaba. E-mail: bruna@sorocaba.unesp.br

Publicado originalmente em http://www.cruzeirodosul.inf.br/materia/599426/onde-esta-o-bibliotecario



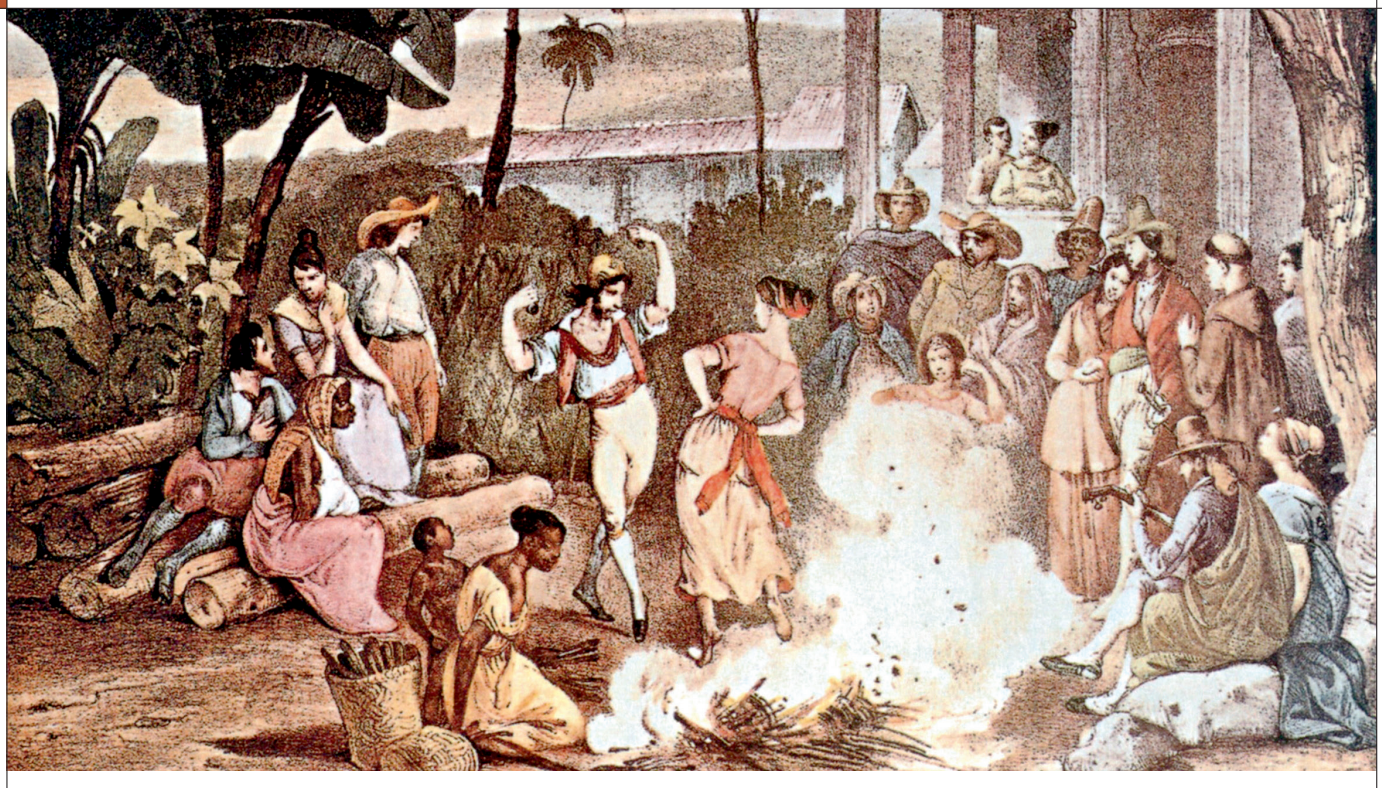
© Michał Jarmoluk

a informação que fará diferença no cotidiano de seus usuários. Ele lida com sonhos, desejos, necessidades, dúvidas e anseios das pessoas, então quem serão seus usuários? Alguém que presta um concurso público e busca material para estudo; um cientista que precisa de dados para sua pesquisa; um advogado que precisa encontrar a legislação pertinente para defender a causa de seu cliente; um empresário que quer fechar negócio, mas precisa de mais dados sobre um setor econômico; uma criança que quer histórias para ler; um músico que precisa de uma partitura; um jornalista que precisa de um dado histórico para apresentar na reportagem... Enfim, são tantos os anseios que um bibliotecário pode atender que ele é um profissional não só da informação, mas da comunicação: interação faz parte do seu dia a dia.

O bibliotecário é também um agente de transformação, sugere ideias, busca alternativas, auxilia na tomada de decisões e promove e incentiva a leitura. Ao gerir um acervo, sabe que a preservação e a organização possibilitam o acesso à informação, permitindo que o conhecimento chegue às pessoas. Sabemos que o conhecimento faz parte do progresso social, econômico, científico, tecnológico e cultural, desta maneira, atuar no compartilhamento e na socialização do conhecimento faz o bibliotecário ser um agente de transformação.

Engana-se quem pensa que o serviço do bibliotecário é quieto e tranquilo: o profissional lida com o ruído das inquietações, das conversas de seus usuários apresentando dúvidas, das solicitações por pesquisas que surgem na tela de seu computador a cada dia, das discussões em reuniões para conquistar melhorias em seu local de trabalho, de respostas velozes para atender às demandas solicitadas com urgência, além de estar antenado com as novidades tecnológicas para melhor desenvolver seus serviços.

A missão do bibliotecário é estar onde for preciso para preservar, organizar e disponibilizar a informação, permitindo que as pessoas encontrem exatamente o que precisam. UC



© Rugendas

Da libertinagem no Brasil colonial

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM AMORAL DAS MULHERES NA LITERATURA DE VIAGEM (1611–1807)

Fernando Marques de Mello Junior apresentou, na Unesp de Franca, a dissertação de mestrado *Da libertinagem no Brasil colonial*: a construção da imagem amoral das mulheres na literatura de viagem (1611–1807).

Com o desembarque da frota comandada por Pedro Álvares Cabral no continente americano, muitos foram os esforços europeus tencionando engendrar e fixar os contornos do que viria a ser o Brasil e de seus habitantes. Nessa construção do Brasil identificam-se sem maiores dificuldades certos lugares comuns estabelecidos ao longo desse processo, cujo fomento se dava, quase de forma exclusiva, pela literatura de viagem. Assim sendo, debruça-se o presente trabalho a mapear a construção de uma destas tópicas recorrentes nos escritos europeus: a libertinagem das mulheres da colônia.

As naturais do país não tardariam a frequentar os parágrafos estrangeiros revelando aos leitores sua sexualidade exacerbada, quase animalesca. Entretanto, no início do século XVII, a lascívia atribuída antes aos nativos passa a caracterizar os costumes dos colonos, em especial os das mulheres. Jovens damas adúlteras, de libido incontrolável, com a sexualidade à flor da pele e ardendo de desejo pelos galantes estrangeiros passam a figurar entre as descrições do mundo que os portugueses erigiam nos trópicos. Destarte, a presente pesquisa propõe-se a compreender como os contornos desta construção a respeito da amoralidade das mulheres no período colonial foram arquitetados, tomando como marcos limites a edição do relato atribuído a François Pyrard de Laval, impresso em 1611, e a prensagem da narrativa do oficial inglês James Kingston Tuckey, datada de 1807.

Dito de outra maneira, a pesquisa busca demonstrar como os europeus construíram a imagem libertina das mulheres da América portuguesa compreendendo as narrativas de viagens publicadas ou cunhadas entre o início do seiscentos, com a narrativa responsável por inaugurar esse padrão discursivo, e o alvorecer do oitocentos, quando é possível notar a inflexão deste discurso. UC

Banca examinadora
Jean Marcel Carvalho França (orientador), Ricardo Alexandre Ferreira (Unesp/Franca) e Andréa Carla Doré (UFPR)

Livro discute gênero nas ciências sociais

AUTORAS DEBATEM A QUESTÃO EM DIVERSOS PENSADORES

Em *O gênero nas ciências sociais*, as organizadoras procuram elucidar as contribuições recíprocas entre as Ciências Sociais, em particular a Sociologia, e os estudos de gênero, que floresceram em especial na França contemporânea. Para isso, elas selecionaram um conjunto de autores consagrados e formados nos programas de Ciências Sociais e propuseram a um grupo de especialistas em tais autores que os questionassem acerca de um conjunto de problemas comuns. O objetivo, alcançado, era esclarecer, fazer um exame crítico e tornar acessível, principalmente a estudantes e professores, a forma como a questão de gênero aparece em obras de pensadores como Lévi-Strauss, Durkheim, Crozier, Touraine, Latour, Marx, Engels, Foucault, Arendt, Adorno, Comte, entre vários outros.

O livro procura elucidar, por exemplo, como e a partir de que momento, de quais elementos e objetos, a questão da definição e/ou a oposição do masculino e do feminino surge no percurso intelectual dos autores escolhidos. A questão do gênero teria influenciado sua obra? Seria ali contornada, evitada ou o autor se apropriaria dela?

Ao expor, de modo sintético, as possíveis contribuições de grandes sociólogos, historiadores e antropólogos ligados à problemática de gênero ou de relações entre os sexos, identificando também as lacunas em suas obras referentes a tais questões, este livro pode ser útil como base de futuros trabalhos teóricos nas Ciências Sociais. UC

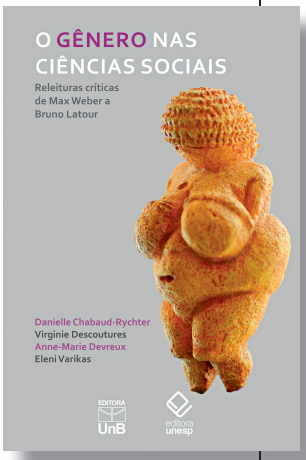
SOBRE AS ORGANIZADORAS

DANIELLE CHABAUD-RYCHTER
é socióloga, pesquisadora do CNRS do Cresppa (Centre de Recherches Sociologiques et Politiques de Paris).

VIRGINIE DESCOUTURES
é professora e pesquisadora do Departamento de Sociologia da Universidade de Galatasaray, em Istambul, e integrante do Cresppa.

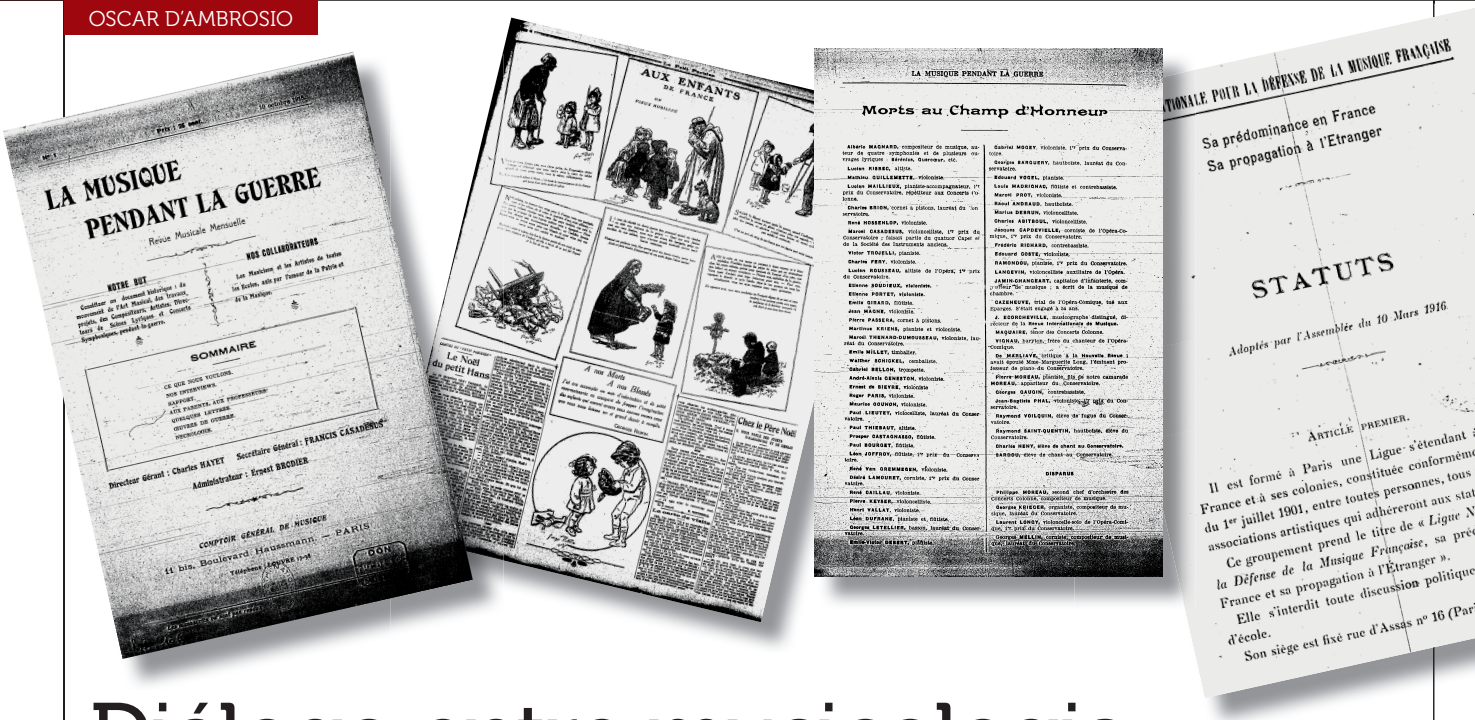
ANNE-MARIE DEVREUX
é socióloga, diretora de pesquisa do Laboratório CNRS Printemps da Universidade de Versalhes Saint-Quentin-en-Yvelines e diretora do Cresppa.

ELENI VARIKAS
é professora de Ciência Política e de Estudos de Gênero na Universidade de Paris-VIII e integrante do Cresppa.



Danielle Chabaud-Rychter, Virginie Descoutures, Anne-Marie Devreux e Eleni Varikas, Editora Unesp, tradução de Lineimar Pereira Martins, 584 páginas, R$ 108

OSCAR D'AMBROSIO



Diálogo entre musicologia e interpretação

Professora do Instituto de Artes (IA) da Unesp, Danieli Verônica Longo Benedetti cresceu em Pato Branco, interior do Paraná. Sua primeira lembrança musical é da pianista Guiomar Novaes tocando uma Mazurca de Chopin. Tinha cinco anos e aquela experiência a levou a ser pianista.

Começou os estudos aos sete anos e, aos 17, mudou-se para São Paulo, formando-se em piano no IA. Sob orientação do professor Homero Magalhães, continuou os estudos em Paris, com especialização no ensino do piano pela École Normale de Musique e em interpretação pianística pelo Conservatoire Nationale de Strasbourg, também na França.

Toda sua pesquisa está voltada à música francesa. Após oito anos na Europa, de volta ao Brasil, leu uma biografia sobre o compositor Claude Debussy. Foi um marco importante para decidir pesquisar o envolvimento dos compositores da França com a Primeira Guerra (1914–18).

Danieli verificou que a Guerra Franco-Prussiana, de 1871, em que a França foi derrotada de forma humilhante, deixou um grande sentimento de revanchismo, que se estendeu até a Primeira Guerra. Os meios intelectuais franceses tomaram então como referência a escola nacional do século XVIII, principalmente autores como Couperin.

Para a pesquisadora, a Primeira Guerra Mundial interrompeu um sonho de progresso e civilização que embalava o mundo ocidental desde meados do século XVIII e aprofundado no século XIX, uma era de invenções, descobertas e experimentações.

Envolvida diretamente com a Primeira Guerra, a geração não produziu muito, mas quatro compositores merecem especial atenção de Danieli em sua pesquisa de doutorado, que ganhou a forma de livro sob o título *Obras de Guerra*: a produção musical francesa durante os anos da Primeira Guerra Mundial (Annablume – Fapesp, 2013).

Com apresentação de Nahim Marun, professor do IA, o livro enfoca Claude Debussy, o mais produtivo no período já que, por estar com câncer, não foi para o front; Lili Boulanger, que realizou, em 1917, uma obra para canto coral premonitória do conflito mundial; Erik Satie, que fez o balé Parade, que contou com cenário de Pablo Picasso; e Maurice Ra-



© Daniel Patire

vel, que lutou voluntariamente no front como soldado, realizou menos obras, mas deixou a suíte para piano solo *Le Tombeau de Couperin*, considerada por Danieli a síntese do período estudado por homenagear não só o compositor nacionalista Couperin, mas também os amigos que morreram no campo de batalha.

O livro está voltado a duas subáreas importantes da pesquisa em Música: Musicologia e Práticas Interpretativas, ou seja, além da contextualização histórica e artística do período, o texto traz a análise da obra *Le Tombeau*, com apontamentos que direcionam o executante no sentido de uma interpretação historicamente fundamentada. O CD anexo ao livro, com a interpretação de Danieli da obra representa o resultado de todo esse trabalho.

Ao longo da pesquisa de doutorado, a pesquisadora descobriu uma documentação, que explorou em seu pós-doutorado, finalizado em 2014, sobre como, no começo do século passado, surgiram associações musicais francesas, existentes até 1980, voltadas para a divulgação da música contemporânea.

Graças a pesquisas realizadas no acervo restrito da Bibliothèque Nationale de France – BnF, Danieli coletou vasto material sobre essas associações, inclusive material de imprensa com críticas das apresentações organizadas com o intuito de apresentar inclusive artistas de outros países, como o brasileiro Heitor Villa-Lobos.

Danieli verificou que, durante a Primeira Guerra, a França tomou medidas protecionistas, proibindo, por exemplo, edições de livros alemãs e a execução de obras de compositores germânicos, como Beethoven, Wagner ou Bach.

Ravel, no front, recebeu uma correspondência para participar dessa empreitada, mas recusou e, por isso, foi boicotado pelos próprios franceses, fundando uma associação dissidente independente da francesa, dando-se a liberdade de absorver compositores de outras nações.

O livro reproduz documentos sobre essa discussão, reforçando a visão de Danieli de que a sua carreira de instrumentista caminha em paralelo à de pesquisadora de questões ligadas à musicologia e interpretação. Assim, distintas facetas do meio acadêmico dialogam entre si na sedimentação de uma carreira plena de conhecimento e lirismo.

CHELLO FOTÓGRAFO





80 ANOS DO MAESTRO SAMUEL KERR

O Instituto de Artes (IA) da Unesp, em São Paulo, SP, festejou, dia 7 de maio, com muita música e emoção, o aniversário do Maestro Samuel Kerr, professor aposentado da instituição. Foram realizadas várias manifestações corais pelo IA, tanto na entrada, como nas escadarias e no Auditório. Os grupos corais executaram alguns dos seus arranjos, com a presença de amigos tanto de São Paulo, como de outras cidades, Estados e até da Itália. "É um momento muito emocionante em que é possível ver um pouco de tudo que consegui fazer ao longo dos anos", disse. "É um enorme prazer realizar este evento aqui no Instituto", destacou, em nome da Unesp, a vice-diretora do IA, Valerie Ann Albright.

NEY LEMKE



© Economicforum

John Forbes Nash (1923/2015)

A morte de John Nash foi divulgada, pela imprensa brasileira, como sendo a do matemático que inspirou o filme *Uma mente brilhante*. Mesmo concedendo a qualidade do filme e percebendo que seu sucesso inspirou outras tentativas de realizar filmes a respeito da vida de outros cientistas, como por exemplo o recente *O jogo da imitação*, é triste ver o legado de Nash ser limitado a essa contribuição.

A contribuição mais direta e mais evidente da mente de Nash foi na Teoria dos Jogos, em que ele estendeu de forma brilhante as ideias de von Neumann e Morgenstern para a Economia. Mas sua relevância vai muito além da economia e se insere também em áreas como a Biologia Evolutiva e a Ética.

A teoria dos jogos surgiu para buscar estratégias vencedoras em jogos, tais como Par e Ímpar, ou Pedra, Papel e Tesoura, ou ainda Damas e Xadrez. Coube a Nash e Maynard Smith perceber que essa teoria poderia ser aplicada na Economia e na Biologia ou em qualquer cenário que envolvesse conflitos de alguma natureza.

Em Economia Nash percebeu, através da definição do equilíbrio de Nash, que sempre existe uma estratégia ótima e estável que maximiza o ganho de todos os competidores e que se perturbada irá gerar uma solução menos compensadora para os envolvidos. O elemento importante é que nem sempre essa estratégia é a que maximiza o ganho individual dos competidores. Em muitos casos a estratégia vencedora envolve a colaboração entre os jogadores. Essa percepção funciona em exemplos abstratos, mas possui impacto na vida real, onde a existência de mecanismos reguladores como o Estado e suas leis garante cenários econômicos que podem assegurar maior prosperidade para a sociedade como um todo.

Infelizmente essa mente brilhante foi ofuscada pela esquizofrenia em 1958 e só ressurgiu para a sociedade, na medida em que tratamentos eficazes para sua condição surgiram, na década de 1970. Em 1994 ganhou o Nobel de Economia pelos seus trabalhos na teoria dos jogos.

Na nossa sociedade cada vez mais marcada pelo individualismo e pelo egoísmo, Nash mostrou que em muitos casos a colaboração é a melhor estratégia, na minha opinião essa foi sua contribuição mais relevante. UC

Ney Lemke é professor do Departamento de Física e Biofísica do Instituto de Biociências da Unesp de Botucatu.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 25 de maio de 2015.

TRAJETÓRIAS DAS DESIGUALDADES

Como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos



Marta Arretche (org.)

Esta obra desmonta a tese clássica segundo a qual o Brasil teria vivido uma "inaceitável estabilidade" da desigualdade. Em 14 ensaios, que abordam educação e renda, políticas públicas, demografia, mercado de trabalho e participação política, o livro demonstra que, na verdade, as desigualdades entre os brasileiros foram expressivamente reduzidas nas últimas décadas, embora o país continue entre os mais desiguais do planeta.

R$ 69,00
16x23
489 páginas

editora unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

livraria **unesp** móvel

Livros por todos os caminhos



Adaptada sobre um caminhão, a livraria tem percorrido diversos Campus da Unesp desde sua inauguração, em 2012.

Acesse nossa agenda e veja quando ela passará em sua unidade!

www.editoraunesp.com.br/livraria_movel

livrariamovel@editora.unesp.br

livraria **unesp** móvel

Conheça também:

Livraria Unesp
Pça. da Sé, 108 – São Paulo/SP
2ª. a 6ª. das 9h às 19h
Sábados das 9h às 13h
livraria@editora.unesp.br

Livraria Unesp Virtual
Referência on line em livros universitários
livrariavirtual@editora.unesp.br
www.livrariaunesp.com.br

livraria **unesp**